

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LET1440 - MONOGRAFIA**

JÚLIA REGINA KÖCHERT FUSSIEGER

WIRD OU GIBT?

**Macroanálise Pluridimensional da Variação do Auxiliar da Voz Passiva em
Hunsrückisch**

Porto Alegre

2021

Júlia Regina Köchert Fussieger

WIRD OU GIBT?

**Macroanálise Pluridimensional da Variação do Auxiliar da Voz Passiva em
Hunsrückisch**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras Tradutor Português e Alemão do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Letras; área de concentração: Sociolinguística e Dialectologia.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2021

Júlia Regina Köchert Fussieger

WIRD OU GIBT?

Macroanálise Pluridimensional da Variação do Auxiliar da Voz Passiva em Hunsrückisch

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras Tradutor Português e Alemão do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Letras; área de concentração: Sociolinguística e Dialectologia.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre, 25 de novembro de 2021.

Resultado: Aprovada.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Departamento de Línguas Modernas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero

Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Me. Cláudia Fernanda Pavan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Monika Sofia Köchert e Júlio Renato Maia Fussieger, por todo o apoio e amor nessa caminhada, e às minhas avós e amigas, Elfriede e Huguette, que sempre me incentivaram e acreditaram no meu potencial.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pela paciência, a motivação, o apoio e o conhecimento compartilhado durante os três últimos semestres da minha graduação.

À UFRGS, que me acolheu nesses anos de graduação, e aos professores do curso de Letras, por quem tenho enorme respeito e admiração e que possibilitaram que eu tivesse a melhor graduação possível.

Ao projeto ALMA, por instigar minha paixão pela Sociolinguística e Dialetologia e possibilitar, utilizando sua base de dados, o desenvolvimento deste projeto.

À Amanda, Cláudia e Sofia, minhas colegas durante o período em que participei do Projeto ALMA-H, que fizeram essa experiência especialmente acolhedora e leve; em especial às duas primeiras pela parceria na transcrição das entrevistas do mapa-base para esta pesquisa.

Muito obrigada.

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a variação e mudança da língua de imigração alemã Hunsrückisch (ou também hunsriqueano) em contato com o português e o espanhol na rede de pontos do projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch – www.ufrgs.br/projalma), cujo banco de dados se utilizou aqui como base. Este estudo centra-se na macroanálise pluridimensional e contatual da variável <auxiliar da voz passiva>, que, no Hunsrückisch, se realiza como *wird* e *gibt*. Seguindo os pressupostos e métodos da dialetologia pluridimensional e relacional de Radtke e Thun (1996), são consideradas na análise as dimensões diatópica e diatópico-cinética (variação e migrações na rede de pontos do ALMA-H), diastrática (estratos sociais Ca e Cb, de maior ou menor escolaridade, mobilidade e ocupação envolvendo escrituralidade), diageracional (velhos e jovens, respectivamente GII e GI), diarreligiosa (católicos e protestantes) e diarreferencial (considerando a percepção e valoração social das variantes pelos falantes). Com isso, tem-se como objetivo descrever e analisar a variação e mudança do auxiliar da voz passiva no Hunsrückisch nas diferentes dimensões, bem como identificar os fatores que influenciam o uso das variantes *gibt* ou *wird* e suas realizações fonéticas. Utilizando-se dos métodos e ferramentas da cartografia pluridimensional do ALMA-H, foram elaborados para este TCC quatro mapas com os dados coletados para a pergunta CgramI_43, referentes à frase de Wenker “*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen*” (pt. “Aqui o pão é feito por nós mesmos. No fim, nem é tudo comido.”), traduzida para a variedade local dos falantes da língua nas 44 localidades do projeto, em áreas do Brasil e da região da Bacia do Prata. Foram hipóteses deste estudo que: 1) há relevância da correlação entre a origem regional do falante e o uso de cada variante, considerando a topodinâmica das migrações dos falantes na área do ALMA-H. Esta hipótese se confirma na comparação entre as diferentes microáreas identificadas no ALMA-H, como se verá nos mapas anexados ao estudo. 2) Há proximidade de *wedd* com a forma *wird* da norma culta do Hochdeutsch, podendo a uma maior ocorrência de *wedd* e conseqüentemente sua difusão. Os resultados confirmaram que isso não acontece, pois a competência dos falantes é apenas parcial, no que diz respeito à percepção de *wedd* como sendo uma variante mais próxima do padrão, devido à fonética. 3) Em virtude da hipótese 2, há um predomínio do uso de *wedd* na microárea do Hunsrückisch de tipo Deutsch (v. Mapa 1), com maior proximidade da norma *standard*. Essa hipótese se confirmou, porém pode haver outros fatores interferindo, especialmente a confissão religiosa. 4) Do mesmo modo, na dimensão diastrática, há um maior uso da variante *wedd* pelos falantes com maior escolaridade

(CaGI e CaGII). Não se observaram diferenças substanciais vinculadas ao papel da escolaridade. Outros fatores se mostram mais determinantes. 5) Contrariamente, na comparação dos resultados da fala dos mais velhos (GII) para os mais jovens (GI), que indica uma mudança em progresso, no tempo aparente, usam mais *gibt*, devido à perda gradual da língua-teto “Hochdeutsch” e sua substituição pelo português. Houve, de fato, uma diferença de 11% a mais no uso da variante *gibt* na GI. Por fim, é também hipótese desse estudo que 6) na dimensão diarreligiosa, os falantes de confissão evangélico-luterana fazem maior uso de *wedd*, em virtude de sua maior proximidade com a escrituralidade em alemão. Os dados mostraram de fato uma correlação significativa em termos numéricos (44% maior entre evangélicos do que entre católicos), porém não categórica. Sua ocorrência está atrelada à microárea migratória em que se localiza cada localidade. Por fim, deve-se lembrar que a presente análise não pretende se esgotar, ela é antes de tudo “exercício inicial de macroanálise pluridimensional da variação da língua de imigração Hunsrückisch”. Tendo em vista as limitações inerentes ao âmbito de um TCC, assim como também a complexidade do objeto de estudo, espera-se que o estudo possa ter continuidade, aprofundando outras variáveis e mapas que não puderam ser analisados.

Palavras-chave: Língua alemã. Língua de imigração. Hunsrückisch. Variação e mudança linguística. Contatos linguísticos.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Untersuchung thematisiert die Variation und den Wandel der deutschen Einwanderungssprache Hunsrückisch (oder auch „hunsriqueano“ auf Portugiesisch) im Kontakt mit dem Portugiesischen und Spanischen im Ortspunktnetz des Projektes ALMA-H (Sprach- und Kontaktatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch - www.ufrgs.br/projalma), dessen Datenbank hier als Grundlage verwendet wurde. Diese Studie konzentriert sich auf die pluridimensionale und kontrastive Makroanalyse der Variable <Hilfsverb im Passivsatz>, die im Hunsrückischen als *wird* und *gibt* realisiert wird. In Anlehnung an die Annahmen und Methoden der pluridimensionalen und relationalen Dialektologie von Radtke und Thun (1996) werden in der Analyse die diatopische und diatopisch-kynetische Dimension (Variation und Migration im ALMA-Ortsnetz), diastratische Dimension (Ca und Cb-Sozialschichten mit höherer oder niedriger Schulbildung, Mobilität und schriftbedingte Berufe), diagenerationelle (alt und jung bzw. GII und GI), diarreligiöse (Katholiken und Protestanten) sowie auch diarreferentielle Dimension (unter Berücksichtigung der sozialen Perzeption und Bewertung der Varianten) berücksichtigt. Damit wird das Ziel verfolgt, die Variation und Veränderung des Passivhilfsverbs im Hunsrückischen in verschiedenen Dimensionen zu beschreiben und zu analysieren sowie die Faktoren zu identifizieren, die den Gebrauch der Varianten *gibt* oder *wird* (und ihre fonetischen Verwirklichungen) beeinflussen. Mit den Methoden und Werkzeugen der pluridimensionalen Kartographie im ALMA-H wurden für diese Abschlussarbeit vier Karten mit den für die Frage CgramI_43 gesammelten Daten erstellt, die sich auf Wenkers Satz „Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen“, übersetzt in die lokale Varietät der Sprecher der Sprache in den 44 Ortspunkten in den Gebieten Brasiliens und der Region des La-Plata-Beckens. Die Hypothesen dieser Studie waren: 1) die Relevanz der Korrelation zwischen der regionalen Herkunft des Sprechers und der Verwendung der einzelnen Varianten unter Berücksichtigung der Topodynamik der Wanderungen der Sprecher im ALMA-Gebiet. Diese Hypothese wird durch den Vergleich zwischen den verschiedenen in der ALMA identifizierten Mikroregionen bestätigt, wie in den der Studie beigefügten Karten zu sehen ist. 2) Die Nähe von *wedd* zur Form *wird* der hochdeutschen Schriftnorm kann ein höheres Vorkommen von *wedd* und folglich seine Verbreitung bewirken. Die Ergebnisse bestätigten, dass dies nicht der Fall ist, da die Sprecher aufgrund ihrer Phonetik nur begrenzt in der Lage sind, *wedd* als die der Norm am nächsten liegende Variante wahrzunehmen. 3) Als Ergebnis von Hypothese 2 wurde erwartet, dass im Mikrobereich Deutsch-Hunsrückisch (siehe

Karte 1) mit größerer Nähe zur Norm *wedd* überwiegen würde. Diese Hypothese wurde bestätigt, aber andere Faktoren, insbesondere die Religionszugehörigkeit, können dabei eine Rolle gespielt haben. 4) In ähnlicher Weise wurde in der diastratischen Dimension eine stärkere Verwendung der *wedd*-Variante von Sprechern mit einem höheren Bildungsniveau (CaGI und CaGII) erwartet. Es wurden keine wesentlichen Unterschiede in Bezug auf die Rolle der Schulbildung festgestellt. Andere Faktoren erwiesen sich als ausschlaggebender. 5) Umgekehrt war beim Vergleich der Sprachergebnisse älteren (GII) mit jüngeren (GI) Sprechern, der auf eine fortschreitende Veränderung hindeutet, in der offensichtlichen Zeit die erwartete Tendenz, dass jüngere Sprecher mehr *gibt* verwenden würden, was auf den allmählichen Verlust der Muttersprache "Hochdeutsch" und ihre Ersetzung durch Portugiesisch zurückzuführen ist. Es gab in der Tat eine Zunahme von 11% der Verwendung der Variante *gibt* in GI. 6) In der diareligiösen Dimension schließlich wurde erwartet, dass Sprecher evangelisch-lutherischer Konfession aufgrund ihrer größeren Nähe zur Schriftlichkeit im Deutschen mehr Gebrauch von *wedd* machen würden. Die Daten zeigen zwar eine signifikante Korrelation in Zahlen (44 % höher bei den Evangelikalen als bei den Katholiken), was aber nicht als kategorisch gesehen werden kann. Ihr Vorkommen hängt mit dem Migrationsgebiet zusammen, in dem sich die einzelnen Orte befinden. In gemischten Gemeinschaften beeinflussen sie die Katholiken schließlich dazu, *gebt* und nicht *gibt* zu sprechen. Abschließend sei daran erinnert, dass die vorliegende Analyse keinen Anspruch auf Vollständigkeit erhebt, sondern vor allem eine „erste Einübung“ in die Methode der pluridimensionalen Makroanalyse der Variation der hunsrückischen Einwanderungssprache“ darstellt. In Anbetracht der Beschränkungen, die dem Umfang einer Monographie inhärent sind, sowie der Komplexität des Untersuchungsgegenstandes, ist zu hoffen, dass die Studie Kontinuität hat und dass weitere Variablen und Karten vertieft werden, die nicht analysiert werden konnten.

Schlüsselwörter: Deutsche Sprache; Einwanderungssprache; Hunsrückisch; Sprachvariation und Sprachwandel; Sprachkontakte.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	13
2.1 O HUNSRÜCKISCH	13
2.2 DEFINIÇÃO E MATRIZ DE ORIGEM.....	13
2.3 A TIPOLOGIA DO HUNSRÜCKISCH	18
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	22
3.1 O PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE DE ANÁLISE DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	22
3.1.1 Aplicação do princípio da pluridimensionalidade no ALMA-H.....	23
3.1.2 Dimensões de análise selecionadas	24
3.2 ENTREVISTAS	24
3.2.1 Perfil dos entrevistados.....	24
3.2.2 Instrumentos de coleta dos dados e variável linguística selecionada	25
3.2.3 Interação entre entrevistador e informante: “técnica em três tempos”	27
3.2.4 Cartografia pluridimensional dos dados	27
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	31
4.1 VISÃO GERAL.....	31
4.2 VARIAÇÃO DIAGERACIONAL: MUDANÇA EM TEMPO APARENTE.....	34
4.3 VARIAÇÃO DIARRELIGIOSA: PAPEL DA RELIGIÃO	36
4.4 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA: PAPEL DA ESCOLARIDADE.....	38
4.5 PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, estive imersa na cultura alemã, tendo tido, a vida toda, contato com o *Hochdeutsch* e com um pouco de dialeto da Baviera, devido às minhas raízes. Por essa razão, sempre tive interesse nos diversos “tipos de *falar*” e, assim, já no início da graduação, comecei a desenvolver grande apreciação pela área da Sociolinguística. Como também descendente de colonos falantes de Hunsrückisch, o Projeto ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch)¹ me interessou bastante e, por isso, em abril de 2020, me inscrevi para fazer parte do projeto como bolsista de Iniciação Científica PIBIC-CNPq, com o Prof. Cléo Altenhofen, coordenador do Projeto, que também é meu orientador nesta monografia. A pesquisa, assim, surgiu como uma das possibilidades de estudo a partir da base de dados do Projeto, sendo primeiramente apresentada no Salão de Iniciação Científica 2021 e, agora, ampliada para o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com foco na variação e mudança linguística do alemão como língua de imigração. A variável analisada, o <verbo auxiliar da voz passiva> no Hunsrückisch (ou também hunsriqueano), insere-se no escopo mais amplo da variação morfossintática, vista por meio dos pressupostos teóricos da dialetologia pluridimensional e contatual, conforme Radkte e Thun (1996).

A partir do primeiro contato com a variável citada acima, fiquei entusiasmada com as possíveis descobertas em cima dela, juntamente com os demais membros do grupo de pesquisa², na transcrição dos áudios para o mapeamento de dados. Essa variável me chamou a atenção, mais especificamente, devido:

- a) às diversas possibilidades de mapas que poderiam ser realizadas, considerando as quatro variantes reconhecidas espontaneamente pelos falantes entrevistados³: *wird* (e suas realizações fonéticas *wedd*, *widd* e *werd*), e *gibt* (e sua realização fonética *gebt*);

¹ Projeto ALMA-H tem como objetivo elaborar o *Atlas Linguístico das Minorias Alemãs na Bacia do Prata-Hunsrückisch*. Atualmente, a rede de pontos conta com 41 localidades distribuídas pelo Sul do Brasil (PR, SC e RS), Mato Grosso, Espírito Santo, parte da Argentina (Misiones) e do Paraguai às quais se acrescentaram mais 03 no IHLBrI (Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração). O Projeto está vinculado às Universidades UFRGS (Brasil) e Kiel (Alemanha), sendo coordenado pelos pesquisadores Cléo V. Altenhofen e Harald Thun, respectivamente.

² Agradeço a parceria das colegas Cláudia F. Pavan e Amanda Timmen Melo, no trabalho de transcrição, análise e interpretação dos dados transcritos no GT Transcrição do projeto ALMA.

³ A notação das variantes e exemplos do Hunsrückisch segue as regras de escrita do ESCRITHU, conforme Altenhofen, Habel & Prediger (2018).

b) ao meu interesse por questões gramaticais, no caso o verbo auxiliar da voz passiva, e, conseqüentemente, por sua variação.

A pesquisa em questão trará como contribuição à Sociolinguística e à Dialetoлогия a ajuda na compreensão de como a língua Hunsrückisch varia e muda, dando mais visibilidade e mais conhecimento sobre o funcionamento dessa língua falada por uma minoria. Quanto às hipóteses desta pesquisa, supõe-se que:

- a) há correlação entre a variedade da matriz de origem dos falantes e o seu uso atual;
- b) há ocorrência da variante *gibt* em áreas com maior grau de dialetalidade, sinalizando um predomínio de marcas moselanas⁴;
- c) há percepção da variante *wedd* como mais próxima da norma *standard* devido à sua associação com a forma *wird* do *Hochdeutsch*;
- d) há uma maior difusão de *wedd/wird* na microárea do *Hunsrückisch* tipo *Deutsch*⁵, bem como entre falantes com maior escolaridade (CaGI e CaGII) e falantes pertencentes à geração mais velha (GII);
- e) na dimensão diarreligiosa, os falantes evangélico-luteranos tendem ao uso majoritário de *wedd*.

Com essas hipóteses em mente, pretende-se analisar neste estudo as ocorrências do uso do verbo auxiliar da voz passiva a partir da base de dados do Projeto ALMA-H, como já mencionado anteriormente. Para isso, a monografia foi dividida da seguinte forma: o capítulo 2 apresenta a contextualização da pesquisa, explicitando o objeto de estudo Hunsrückisch. Logo após, são trazidas sua definição e tipologia segundo Altenhofen (1996) e Altenhofen & Morello *et al.* (2018). Já o capítulo 3 trata da fundamentação teórica e metodológica usada para a pesquisa, começando pela variação e mudança linguística sob o enfoque da dialetoлогия pluridimensional, conforme Radkte e Thun (1996), e incluindo sua aplicação no projeto ALMA, juntamente com a explicação de como funciona sua base de dados. Em 3.2, são descritos os procedimentos usados nas entrevistas de campo para coletar os dados de fala utilizados, as dimensões de análise selecionadas, o perfil dos entrevistados, os instrumentos para a coleta de dados, bem como os tipos de dados. Compreender a interação entre entrevistador e informante nos dados das entrevistas, como acentua Thun (2017 [2005]), torna-se um ponto positivo a mais para qualificar a transcrição e análise dos

⁴ Esse conceito é explicado no capítulo 2.2.

⁵ Esse conceito é explicado no capítulo 2.3.

dados. O mesmo vale para o tratamento dos dados obtidos a partir dessas entrevistas, no que se refere à sua etiquetagem e armazenamento, e os procedimentos de cartografia adotados no projeto ALMA. Finalizada a descrição da metodologia, o capítulo 4 trata da análise e interpretação dos mapas elaborados para este breve estudo, a saber: os mapas pluridimensional, diageracional, diarreligioso e diastrático. E, finalmente, resumem-se as principais conclusões a partir da interpretação desses mapas, apontando quais hipóteses iniciais foram comprovadas e quais não.

Novamente deve-se reforçar que esta monografia não tem a pretensão de esgotar, em qualquer sentido, a pesquisa, que deve continuar; o propósito deste trabalho, então, é o de não apenas contribuir para testar e consolidar os procedimentos de macroanálise pluridimensional desse tipo, como também lançar uma base de partida para o estudo da variável em foco. Devido às limitações naturais de um trabalho de conclusão de curso, isso já é muito. Por isso, me concentrei em um único mapa de base, relativo às variantes de uso espontâneo e ativo para auxiliar da voz passiva, com os diferentes mapas, para as dimensões mencionadas, os quais são gerados automaticamente, junto com os gráficos de frequência, no arquivo Excel utilizado para esse fim. Essa metodologia ficará mais clara ao longo do trabalho. Por ora, iniciemos com a contextualização do Hunsrückisch.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Em primeiro lugar, para a compreensão da variável analisada, deve-se ter clareza sobre o objeto de estudo, a língua “Hunsrückisch”, como defini-lo e delimitá-lo conforme determinadas tipologias já identificadas nos estudos – ver, por exemplo, Altenhofen (1996) e Altenhofen & Morello *et al.* (2018). Será brevemente abordada, por isso, a matriz de origem da língua, assim como outras variantes significativas no contínuo do alemão.

2.1 O HUNSRÜCKISCH

O objeto de estudo da presente pesquisa engloba uma variedade da língua alemã falada no Brasil que tem como matriz de origem, supostamente, a região do Hunsrück, na Alemanha, como veremos a seguir. Ou seja, o Hunsrückisch é, antes de tudo, uma língua de imigração e, apesar de possuir um sistema de escrita pré-definido (ESCRITHU – ver ALTENHOFEN, HABEL & PREDIGER, 2018), manifesta-se essencialmente de forma falada, normalmente em ambientes informais e familiares, diferentemente de ambientes religiosos e educativos, nos quais, como na escrita, costuma-se usar o alemão-padrão ou, pelo menos, uma variedade mais próxima da norma escrita. No contínuo variacional da língua alemã, o Hunsrückisch situa-se mais próximo, comparativamente, da norma *standard* (alemão-padrão, localmente também “Hochdeutsch”) do que outras variedades trazidas pelos imigrantes a partir de 1824, como o vestfaliano e o pomerano, por exemplo – o que será mais explicado na próxima seção.

2.2 DEFINIÇÃO E MATRIZ DE ORIGEM

Conforme já exposto, o objeto de estudo deste TCC configura, antes de tudo, uma língua de imigração que tem como matriz de origem a região do Hunsrück, na Renânia Central, centro-oeste da Alemanha. Analisar as características linguísticas dessa matriz de origem constitui o primeiro passo para chegar a uma definição mais clara dessa variedade. Como mostra a Figura 1, trata-se de uma área linguística (dialetal) situada no que se chama de *Westmittelddeutsch* e que abrange as áreas dialetais do *Rheinfränkisch* (francônio renano), mais ao sul e com maior proximidade linguística do Hochdeutsch, e do *Moselfränkisch* (francônio moselano), mais ao norte e, contrariamente, com mais marcas linguísticas que o aproximam do *Niederdeutsch* (baixo-alemão). contrariamente, com mais marcas linguísticas

sich die Begründung für die Benennung des Gegenstandes der vorliegenden Untersuchung als *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul* [Hrs.].⁶ (ALTENHOFEN, 1996, p. 4).

Mais adiante, continua:

Als zweite Bedeutung verbindet man mit dem Ausdruck Hunsrückisch die Zugehörigkeit zu der zahlenmäßig repräsentativsten Einwanderergruppe der Hunsrücker in Rio Grande do Sul. Daraus darf aber keineswegs gefolgert werden, daß jeder, der Hrs. spricht, auch eine entsprechende hunsrückische Abstammung habe oder ein "reiner" Hunsrücker im Laufe der Generationen geblieben sei. Zwar sind die Hunsrücker im Selbstverständnis der Deutschbrasilianer eine Siedlergruppe wie auch die Pommerer [sic!] bzw. Pommeraner, die Westfäler [sic!], die Schwaben, die Deutschrussen, die Böhmer [sic!] und die Schlesier. (ALTENHOFEN, 1996, p. 5)⁷.

Isso é congruente com o que afirmam Altenhofen & Morello *et al.* (2018):

Do ponto de vista histórico, considerando sua migração e origem, Hunsrückisch pode ser visto como a denominação comumente dada pelos falantes a uma variedade do alemão proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück. Essa região engloba, segundo Zschocke (1970, mapa 34), uma área de elevação situada entre Bingen, Trier e Koblenz, na Renânia Central, centro-oeste da Alemanha (...). Ao lado da denominação Hunsrückisch, os falantes também mencionam as formas *Deitsch, Plattdeitsch, Deutsch, Hunsbucklisch, Hunsrick*, entre outras designações [...] (ALTENHOFEN & MORELLO *et al.*, 2018, p. 23).

Geograficamente, como se vê a partir de Zschocke (1970), citado acima, – ver mapa 34, na Figura 2 a seguir – o Hunsrück representa uma área de elevação situada entre os rios Reno e Mosela, entre as cidades de Bingen, Koblenz, a leste, e Trier, a oeste. O mapa delimita também diferentes subáreas da paisagem cultural dessa área, considerada “inóspita e de clima rude, no inverno”, segundo a literatura (v. ALTENHOFEN, 1996, p. 10).

⁶ Tradução: “Expressão hunsrückisch é, no alemão brasileiro, uma expressão polissêmica. Em sentido primeiro e mais importante, ela designa, assim como outras palavras terminadas em *-isch* (*Pommerisch, Westfälisch, Schwäbisch* etc.), na designação em alemão, uma das diversas variedades dialetais teuto-brasileiras (ver Mapa 2). Hunsrückisch (também Hunsrück) aparece, em certa medida, como autodenominação da comunidade para a sua variedade (internamente) dominante. (Disso resultou a denominação do objeto da presente pesquisa Hunsrückisch no Rio Grande do Sul [Hrs.].)”

⁷ Tradução: “Associa-se a expressão hunsrückisch, em seu sentido segundo, à pertença ao grupo de imigração de hunsrücker no Rio Grande do Sul mais representativo em termos de números. Disso não se pode de modo algum concluir que todo falante de hrs. tenha também uma descendência correspondente hunsrückisch ou tenha permanecido um Hunsrückisch “puro” com o passar das gerações. Os hunsriqueanos são, na compreensão própria dos teuto-brasileiros, um grupo de colonização, bem como os “*Pommerer*” [sic!] ou *Pommeraner* [pomeranos], os *Westfäler* [sic! vestfalianos], os *Schwaben* [suábios], os *Deutschrussen* [alemães-russos], os *Boehmer* [sic! boêmios] e os *Schlesier* [silesianos]”

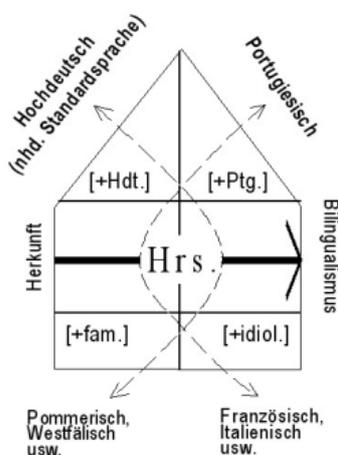
Figura 2 – Delimitação do Hunsrück segundo Zschocke



Fonte: ZSCHOCKE, 1970, mapa 34 apud ALTENHOFEN, 1996, p. 10.

Ao sair desse contexto na Alemanha, já no início das migrações ao Brasil (a partir de 1824), a variedade da matriz de origem (da localidade de origem da família de imigrantes) entra em contato com variedades do alemão de outras matrizes, assim como também com outras línguas, em especial o português, demais línguas de imigração, espanhol, entre outras. Sua configuração, com isso, sofre novas influências. O esquema abaixo (Figura 3) busca explicar a constituição do Hunsrückisch, nessa constelação de contatos linguísticos e de variação:

Figura 3 – Esquema de Altenhofen representando o contínuo variacional do Hunsrückisch derivado dos diferentes contatos linguísticos



Fonte: Altenhofen, 1996, p. 126.

A área geográfica de partida dos falantes de Hunsrückisch não necessariamente coincide com a variedade falada pelos descendentes, hoje, e, inicialmente, ela é simplesmente um *Deitsch* ou *Deutsch*, ou mesmo um *Hochdeitsch* (como mencionado muitas vezes por falantes do baixo-alemão). Como afirma Altenhofen (2019, p. 537), é provável, por isso, que imigrantes posteriores (*Zuwanderer*), que já incorporaram as inovações da norma escrita do alemão a sua oralidade, tenham contribuído para difundir a referência às denominações ligadas ao grupo do Hunsrück.

Outras variantes do alemão também vieram nesse período, conforme exposto acima, mas o que fez com que o Hunsrückisch predominasse foi, de acordo com os autores, seu pertencimento à área do *Mittelhochdeutsch*, na Alemanha, e conseqüentemente sua maior proximidade com o alemão standard (*Standardnähe*), fazendo com que suas marcas se impusessem às de outros dialetos do contínuo do alemão. O nivelamento linguístico entre as diferentes variedades do alemão, para garantir uma intercomunicação entre os colonos falantes de diferentes variedades dialetais, agindo como uma “língua-comum”. Nesse contínuo, o Hunsrückisch é visto pelos falantes de variedades do baixo-alemão, como o pomerano e o westfaliano principalmente, como uma variedade que se confunde muitas vezes com um “*Hochdeitsch*”.

Resumindo, a partir do que foi exposto acima, adota-se neste estudo a seguinte definição de Hunsrückisch:

Hunsrückisch pode ser visto como a denominação comumente dada pelos falantes a uma variedade do alemão proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück. (ALTENHOFEN & MORELLHO *et al.*, 2018, p. 23).

E também:

"Hrs." ist der Oberbegriff für eine überregionale Varietät des Deutschen in Rio Grande do Sul/Südbrasilien, die ein Dialektkontinuum darstellt, dessen sprachliche Konstitution auf eine rhein-/moselfränkische Basis zurückgeht und eine Vielfalt sprachkontaktbedingter Elemente anderer deutscher Dialekte sowie insbesondere solche des Ptg. einschließt. (ALTENHOFEN, 1996, p. 27)¹⁶.

¹⁶ Tradução: "Hrs." é o conceito geral de uma variedade suprarregional do alemão no Rio Grande do Sul que apresenta um contínuo dialetal cuja constituição linguística remete à base francônio-renana/moselana e engloba uma diversidade de elementos condicionados ao contato linguístico de dialetos alemães e particularmente do português.

2.3 TIPOLOGIA DO HUNSRÜCKISCH

A variação, como sabemos dos estudos sociolinguísticos, é inerente a toda e qualquer língua. Mas por quais critérios se pode chegar a uma tipologia? No presente capítulo, faço uma explicação, de forma breve, sobre a tipologia do Hunsrückisch.

Por sua matriz de origem variável, os processos migratórios e contatos linguísticos distintos, em períodos diferentes da história da imigração alemã no Brasil, é de se esperar que o Hunsrückisch assuma configurações diferentes na área de abrangência do projeto ALMA. Como a macroanálise pluridimensional compara áreas ou subáreas distintas no mapa, ter em mente essas microáreas tipológicas torna-se imprescindível para a descrição da variação diatópica, diastrática, diageracional e diarreligiosa observada.

Nesse sentido, foram identificados a partir dos estudos realizados até agora com base no banco de dados do ALMA (ALTENHOFEN, 1996; 2016; 2019; ALTENHOFEN & MORELLO *et al.*, 2018), os seguintes tipos representados no Mapa 1:

a) Hunsrückisch Rio-grandense (Hrs.): de maior difusão (com uma descrição inicial em ALTENHOFEN, 1996), abrangendo:

- Hrs. de tipo *Deutsch*, com maior grau de dialetalidade, que abrange as colônias velhas a leste, ocupadas com imigrantes anteriores a 1850, nos vales do Sinos e Caí, até o vale do Taquari;
- Hrs. de tipo *Deutsch*, com maior grau de proximidade do standard, que abrange as colônias velhas a oeste, ocupadas por imigrantes posteriores a 1850, nos vales do Rio Pardinho, a partir do vale do Taquari até o extremo oeste do Rio Jacuí;

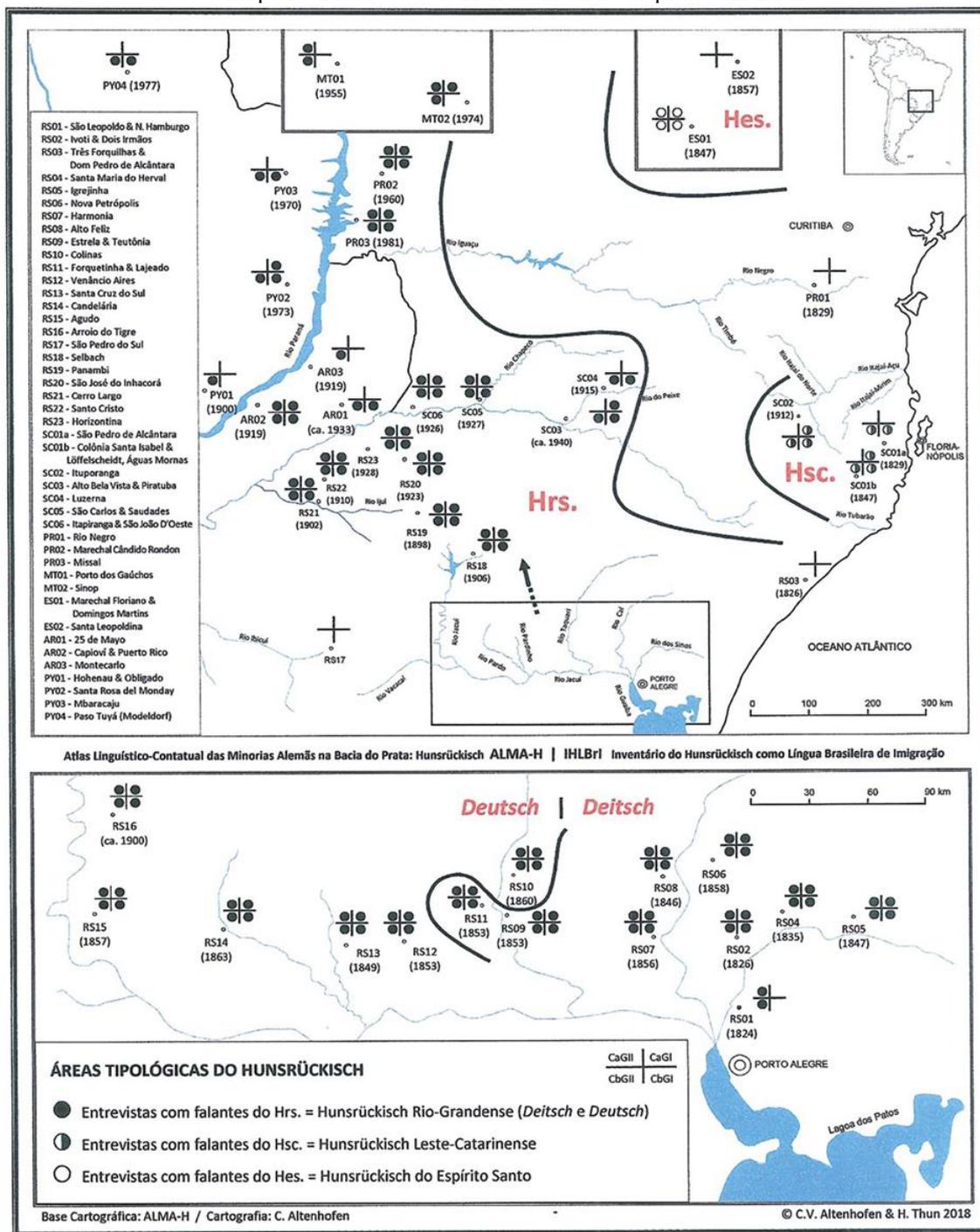
Obs.: Esses dois tipos vão migrar para áreas das colônias novas tanto de área lusófona (no noroeste do Rio Grande do Sul, centro e oeste de Santa Catarina, sudoeste do Paraná e centro-oeste do país, especialmente Mato Grosso), quanto de área hispanófono, em Misiones (Argentina) e no Paraguai. Essas subáreas não são vistas como tipos, mas precisam ser consideradas na análise. Como visto em Altenhofen & Morello *et al.* (2018):

Já dissemos, por exemplo, que o Hrs. teve uma difusão muito maior e, além disso, desenvolveu uma homogeneidade interna maior, na direção de marcas [+renanas] e portanto mais próximas do alemão *standard*, enquanto as demais áreas permaneceram mais conservadoras e com uma constituição interna mais divergente. Isso não quer dizer, no entanto, que o Hrs. não apresente também uma variação interna grande; pelo contrário (...) As macroanálises pluridimensionais feitas, até agora, no ALMA-H, mostraram a relevância de uma série de marcas opositivas entre uma variante [+dialeto], portanto, característica do tipo *Deutsch*,

e uma [+standard], portanto, característica do tipo *Deutsch*. (...) Dentre essas quatro áreas, as colônias novas se distinguem por colocar em contato migrantes descendentes das duas áreas do Hrs., *Deitsch* e *Deutsch*. De modo geral, prevalecem aí as variantes do tipo *Deitsch*, mas há algumas localidades – como RS19 – Panambi e RS23 – Horizontina, assim como também SC06 – Itapiranga & São João D'Oeste, em que a ocorrência de variantes [+standard] – portanto, *Deutsch* – ocorrem com mais probabilidade. Já os hunsriqueanos no ponto PY01 – Hohenau & Obligado, vindo da região de Estrela (RS09), por volta de 1900, substituíram seu Hunsrückisch pelo Hochdeutsch, no contato com os demais imigrantes. (ALTENHOFEN & MORELLO *et al.*, 2018, p. 67–68).

- b) Hunsrückisch Leste-catarinense (Hsc.): restrito ao leste de Santa Catarina e sem contato direto com o Hrs.;
- c) Hunsrückisch Espírito-santense (Hes.): restrito a uma pequena área do Espírito Santo e sem contato direto com o Hrs.

Mapa 1 – Microáreas do Hunsrückisch no mapa do ALMA-H



Fonte: Altenhofen & Morello *et al.*, 2018, p. 52.

Cada um desses tipos engloba em sua configuração influências distintas, seja em relação à variedade do português em contato, seja em relação ao alemão trazido pelos imigrantes da matriz de origem. Isso vale especialmente para o Hrs.:

(...) de fato, através da análise pluridimensional dos dados do ALMA-H (ALTENHOFEN & THUN, 2016; THUN, 1998), confirmou-se a macroárea tipológica do Hunsrückisch Rio-grandense (Hrs.), que já havia sido parcialmente

descrita em Altenhofen (1996), por meio de levantamentos em 10 localidades de pesquisa. A tipologia do Hunsrückisch nesses pontos restringiu-se à área então conhecida do tipo rio-grandense (...) no contínuo de marcas francônio-moselanas/francônio-renanas/Hochdeutsch presentes em cada uma das localidades da pesquisa. (ALTENHOFEN & MORELLO *et al*, 2018, p. 50).

Resumindo, a tipologia do Hunsrückisch engloba as áreas mencionadas a partir do Mapa 1 (ver). Essas áreas padronizadas podem refletir macro-tendências, que são fundamentais para correlacionar fatores extralinguísticos com a distribuição das variantes de todos os mapas do projeto ALMA-H na área em estudo, mostrando o que predomina em cada área, o que é extremamente importante para a análise e interpretação das ocorrências. Em outras palavras, a análise dos dados, que será feita no cap. 4, tem de correlacionar a distribuição das variantes levantadas (seu predomínio, convergência ou divergência).

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão abordados todos os conceitos que envolvem a metodologia utilizada no estudo, começando pelo princípio da pluridimensionalidade da variação e mudança linguística, conforme Radtke & Thun (1996). Depois, será explicitado o banco de dados do Projeto ALMA-H, que, como já foi dito anteriormente, foi a base utilizada para a presente análise.

3.1 O PRINCÍPIO DA PLURIDIMENSIONALIDADE DE ANÁLISE DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Considerando a variação como um “caos aparente”, como diria Labov, tem-se que o princípio da pluridimensionalidade de análise da variação e mudança linguística, explicitado em Radtke e Thun (1996), a partir dos estudos apresentados no Simpósio “Novos caminhos da geolingüística românica”, em 1996, em Heidelberg e Kiel, nada mais é do que um conjunto de dimensões de análise para organizar e direcionar o olhar do linguista, para enxergar uma ordem ou regularidade (tendência) nesse caos. Esse princípio também impulsiona uma renovação e autocrítica em meio ao que os autores chamam de “crise da dialetologia”, a qual se encontrava tradicionalmente engessada na dimensão diatópica, já que essa distanciava-se da realidade.

Wir wollten eine Leistungsbilanz anregen und die Spaltung dadurch fruchtbar machen, dass Vertreter der älteren, monodimensionalen Sprachgeographie mit Neuern ins Gespräch kämen (...) Auf dem Symposium wurde deutlich, dass die moderne Sprachgeographie auf dem Wege ist, eine wirkliche Variationswissenschaft (...) zu werden. Sie müsste eigentlich ihren Namen ändern und sich nicht mehr „Sprachgeographie“ oder „Geolinguistik“ nennen, sondern eben „Variationswissenschaft“ oder ähnlich heißen. (RADTKE & THUN, 1996, p. 3-6)¹⁷.

A geografia linguística era feita, até então, visualizando resultados encontrados de forma diatópica (observando as variações apenas por localidade analisada). A partir do princípio da pluridimensionalidade, ou seja, com mais de uma dimensão, passariam a ser observadas, inicialmente, também dimensões como a diastrática – analisando também o

¹⁷ Tradução: Nós queríamos incitar a um balanço no trabalho realizado e converter essa divisão em algo frutífero, reunindo representantes da geografia linguística monodimensional, mais antiga, para um diálogo com inovadores (...) ficou claro, durante o Simpósio, que a geolingüística moderna (...) deveria, na realidade, alterar o seu nome e não mais denominar-se “geografia linguística” ou “geolingüística”, mas sim chamar-se “ciência da variação” (*Variationswissenschaft*) ou algo equivalente.

papel da escolaridade dos falantes –, diageracional – analisando o papel da idade dos falantes –, diassexual (ou diagenérica) – analisando o papel do gênero dos falantes –, e diafásica – analisando a língua (estilo) em diferentes situações de uso.

Busca-se, portanto, a partir desse princípio, identificar macro tendências de variação da língua nas diferentes dimensões definidas pelo pesquisador, para análise. Visto que o princípio foi aplicado essencialmente a grandes áreas, com uma rede de pontos de pesquisa, fala-se por isso em macroanálises, em que se correlaciona a realização linguística registrada em campo com o ponto (microárea) e o perfil social dos falantes entrevistados.

3.1.1 Aplicação do princípio da pluridimensionalidade no ALMA-H

No projeto ALMA-H, foram muitas as dimensões consideradas na constituição do banco de dados. Não será possível delinear, aqui, cada uma dessas dimensões previstas, mas apenas mencionar o quadro geral, para visualizar as possibilidades de pesquisa que se colocam ao pesquisador. Este poderá selecionar o que for mais relevante para a variável em foco, o que inclui até mesmo restringir-se a uma única dimensão.

Figura 4 – Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H

DIMENSÃO	PARÂMETRO	CRITÉRIO
diatópica	topostática (falantes fixos à localidade)	44 localidades de pesquisa
diatópico-cinética	topodinâmica (falantes móveis vs. falantes fixos)	migrações entre Colônias Velhas e Novas (localidade da entrevista e matriz de origem)
diareligiosa	católicos vs. evangélicos-luteranos	vinculado à localidade
diastrática	Ca = „classe sócio-culturalmente mais alta“ Cb = „classe sócio-culturalmente mais baixa“	Ca (escolaridade de nível superior/universidade) Cb (escolaridade até segundo Grau + sem atividade com uso da escrita)
diageracional	GII (geração velha) GI (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
diassexual ou diagenérica	homens vs. mulheres	pelo menos um homem e uma mulher no respectivo grupo de entrevista
diafásica	resposta à entrevista vs. leitura de texto vs. conversa livre	situações de uso da língua com estilo de fala mais ou menos formal
diareferencial	língua-objeto vs. metalinguagem (percepções da língua [do outro])	técnica em três tempos: perguntar – insistir – sugerir (interação na pluralidade de informantes)
dialingual	Hunsrückisch vs. Português vs. Hochdeutsch (alemão-standard)	competências e variedades linguísticas dos informantes

Fonte: Quadro adaptado de <https://www.ufrgs.br/projalma/dimensoes/>, página *online* do Projeto ALMA-H

Essas dimensões são consideradas no mapa-base (*Matrixkarte*), que serve de base para a cartografia do ALMA, que por isso é chamada de cartografia pluridimensional, a ser apresentada mais à frente (ver 3.2.4). Antes, vejamos as dimensões selecionadas para este estudo e os procedimentos utilizados nas entrevistas.

3.1.2 Dimensões de análise selecionadas

Para o presente estudo, foram selecionadas quatro dimensões de análise fundamentais, além das dimensões diatópica e diatópico-cinética: diastrática (grupos Ca e Cb), diageracional (grupos GII e GI), diarreligiosa (grupos de entrevistados católicos, evangélico-luteranos e confessionalmente mistos) e diarreferencial, por meio de análise qualitativa de percepções e atitudes linguísticas manifestadas em comentários metalinguísticos, nas entrevistas. Cada dimensão tem seu mapa gerado automaticamente, como se verá adiante.

3.2 ENTREVISTAS

As entrevistas que levaram à base de dados do ALMA foram realizadas entre 2007 e 2014 e abrangem levantamentos em 44 localidades distribuídas pelo Sul do Brasil (PR, SC e RS), Mato Grosso (MT), Espírito Santo (ES), parte da Argentina (AR, Misiones) e Paraguai (PY). Cada ponto de pesquisa é numerado com o código da área acrescido do número, iniciando do ponto mais antigo para o mais recente, conforme o ano de criação da localidade. Esse ordenamento cronológico segue o percurso migratório dos imigrantes e seus descendentes do sul-leste na direção norte-oeste. O ponto representa um entorno e pode englobar por isso mais de uma localidade, por exemplo RS01 – São Leopoldo & Novo Hamburgo. As entrevistas foram feitas com pluralidade de informantes, reunindo falantes de gênero masculino e feminino, com o mesmo perfil de escolaridade e faixa etária.

3.2.1 Perfil dos entrevistados

Os falantes entrevistados são separados em quatro grupos: CaGI, CaGII, CbGI e CbGII, conforme mostra a tabela abaixo. Em resumo, GI são os jovens; GII, os idosos; Ca, os falantes com escolaridade mais alta e Cb, os falantes com escolaridade mais baixa.

A confissão religiosa foi definida aleatoriamente, ou seja, não constituiu requisito objetivo de seleção dos informantes. Foram escolhidos informantes de 18 a 36 anos para constituir a geração mais nova, e informantes com idade superior a 55 anos para constituir a geração mais velha, para que houvesse um contraste maior na fala desses dois grupos, do que teria se fossem gerações mais próximas. Além disso, escolheu-se que a classe social baixa com o critério da escolaridade por ser mais operacionalizável, mas a ocupação também foi incluída, pois, se um falante tem apenas segundo grau, mas não tem ocupação manual, e sim envolvendo escrita, como por exemplo em um biblioteca, esse falante tem maior contato com a escrituralidade, e os dados podem ser diferentes do que de um falante que é carpinteiro, por exemplo, e não tem contato diário com a norma padrão. Por isso era importante que tivessem educação somente até segundo grau (não foram encontrados falantes acima ade 18 anos sem segundo grau completo) e que fizessem trabalho manual para entrarem nesta categoria. A tabela abaixo (fig. 5) visualiza os quatro grupos de entrevista, representados em cruz no mapa:

Figura 5 – Grupos definidos para as entrevistas nas localidades de pesquisa do ALMA

<p>CaGII</p> <p>[Geração velha > 55 anos] [+ escolaridade: superior] [homens e mulheres]</p>	<p>CaGI</p> <p>[Geração jovem, 18-36 anos] [+ escolaridade: superior] [homens e mulheres]</p>
<p>CbGII</p> <p>[Geração velha > 55 anos] [- escolaridade: até 2º Grau] [ocupação manual] [homens e mulheres]</p>	<p>CbGI</p> <p>[Geração jovem, 18-36 anos] [- escolaridade: até 2º Grau] [ocupação manual] [homens e mulheres]</p>

Fonte: Quadro adaptado de <https://www.ufrgs.br/projalma/dimensoes/>, página *online* do Projeto ALMA-H

3.2.2 Instrumentos de coleta dos dados e variável linguística selecionada

Para a realização das entrevistas, foi utilizado como instrumento de coleta dos dados um questionário que é dividido por nível de análise da língua, tendo cada parte perguntas e procedimentos específicos:

- a) Léxico (246 perguntas, ordenadas em categorias);

- b) Fonologia (93 perguntas – técnica de entrevista: apresentação em português, resposta equivalente à tradução para o Hunsrückisch);
- c) Gramática I (frases de Wenker, 43 perguntas – técnica de entrevista: tradução do alemão-padrão para o Hunsrückisch);
- d) Gramática II (morfossintaxe, 17 perguntas complementares às frases de Wenker – técnica de entrevista: tradução do português para o Hunsrückisch) e
- e) Gramática III (competência linguística no alemão-padrão, 11 perguntas – técnica de entrevista: tradução do português para o alemão-padrão).

Para a presente pesquisa, analisaram-se os dados coletados por meio da pergunta CgramI_43, referentes à frase de Wenker “*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird schließlich gar nicht alles gegessen*” (pt. “Aqui o pão é feito por nós mesmos. No fim, nem é tudo comido.”), traduzida para a variedade local dos falantes de Hunsrückisch nas 44 localidades do projeto, nas áreas do Brasil e da região da Bacia do Prata. As frases de Wenker (*Wenker-Sätze*, em alemão) são frases criadas pelo linguista Georg Wenker (1852 – 1911), com o objetivo de reunir dados para mapear a variação do alemão, em toda a área de uso na Europa. Sobre a contribuição de Wenker, Altenhofen (1996) afirma o seguinte:

Im Laufe der Zeit haben WENKER selbst und seine Nachfolger F. WREDE und W. MITZKA das ganze deutsche Sprachgebiet erfaßt und so mit den Daten aus über 40.000 Orten (Städten und Dörfern, soweit es in ihnen eine Schule und einen Lehrer gab) die Grundlage für den Sprachatlas des Deutschen Reichs gelegt. Dieser handgezeichnete Atlas, von dem es nur zwei Exemplare gibt (eines in Marburg und eines in Berlin), besteht aus 1.650 Einzelblättern von etwa 550 Wörtern der 40 Sätze. Eine Auswahl von 128 Karten erschien im Druck 1927-1956 als Deutscher Sprachatlas (DSA). (ALTENHOFEN, 1996, p. 19)¹⁸.

Vale destacar que, no modelo de coleta de dados empregado por Wenker, as frases foram traduzidas por escrito (em *Kurrentschrift*) para a variedade local, com a mediação de um professor previamente treinado. No caso do ALMA-H, as frases foram apresentadas oralmente, na forma do alemão *standard*, e a tradução para o Hunsrückisch gravada em áudio. Isso resultou em uma interação entre o entrevistador e os informantes, que precisa ser considerada na transcrição e análise dos dados, como enfatiza Thun (2017 [2005]). Vejamos.

¹⁸ Tradução: “Com o decorrer do tempo, o próprio WENKER e seus sucessores F. WREDE e W. MITZKA contemplaram a totalidade do espaço linguístico alemão e desta forma estabeleceram, com dados de mais de 40.000 localidades (cidades e vilarejos, com tanto que houvesse nelas uma escola e um professor), as bases do *Sprachatlas des Deutschen Reichs* [Atlas Linguístico do Império Alemão]. O Atlas feito a mão, do qual só existem dois exemplares (um deles em Marburg e o outro em Berlim), é composto por 1.650 páginas de cerca de 550 palavras das 40 sentenças. Uma seleção de 128 mapas foi publicada em versão impressa em 1927-1956 como *Deutscher Sprachatlas* [Atlas Linguístico da Alemanha] (DSA)”.

3.2.3 Interação entre entrevistador e informante: “técnica em três tempos”

Ao realizarem as entrevistas e obterem os resultados necessários para a pesquisa a partir do questionário, os entrevistadores utilizaram a “técnica em três tempos”, de H. Thun (2017 [2005]), que prevê três passos, para captar o espectro de variantes associado a cada pergunta ou variável, a saber: “perguntar, insistir e sugerir”. Assim, após fazer a pergunta e receber a **resposta espontânea**, o entrevistador passa para a insistência, repetindo alguma palavra ou até a frase inteira. Se, mesmo assim, não há confirmação ou acréscimo “espontâneo” de nenhuma variante, passa-se para o terceiro tempo, que engloba a “sugestão” (al. *Suggestierung*, não confundir com “sugestão”), em que o entrevistador sugere uma variante, com o objetivo de averiguar se a forma é conhecida ou ocorre na comunidade. Isso leva o falante a lembrar algo que não fala mais, ou até que já ouviu alguém falar, ou seja, que não é automático para ele, mas que é reconhecido, identificando deste modo um **conhecimento passivo**, que é muito importante, pois demonstra uma perda relativa de uma variante que estava ali (a prova é que o informante confirma sua ocorrência na infância, ou seu uso mais restrito) e que, portanto, não há um **desconhecimento** total.

Não obstante o potencial elucidativo dessa técnica, tendo em vista as limitações de tempo e abrangência do trabalho de conclusão, consideraram-se, na presente pesquisa, apenas as **respostas espontâneas**. Mas, caso fosse avaliado que apenas as respostas espontâneas não compreenderam a real ocorrência das variantes nos pontos em questão, foram utilizados também os dados pós-sugestão. Além disso, é preciso levar em conta que os três tempos previstos por Thun produzem uma série de informações auxiliares e geram comentários metalinguísticos (v. 3.5) que são fundamentais na decisão final sobre o *status* de cada variante, principalmente em relação às percepções dos falantes e do significado social que cada variante carrega. Essas transcrições feitas no mesmo arquivo Excel de elaboração dos mapas são o ponto de partida e a base de dados para a definição dos símbolos no mapa. Vejamos alguns pontos centrais dessa cartografia.

3.2.4 Cartografia pluridimensional dos dados

Para a cartografia pluridimensional dos dados do ALMA-H, são essenciais a rede de pontos (dimensão diatópica) e os quatro grupos entrevistados (CaGII e CaGI, CbGII e CbGI). Cada grupo, no seu respectivo ponto/localidade de pesquisa possui um áudio da resposta à pergunta que está sendo analisada. Feita a transcrição do áudio, define-se a

variável e a legenda, selecionando as variantes e definindo para cada variante um símbolo. A partir da transcrição dos dados, faz-se a atribuição dos símbolos, conforme a legenda, para cada um dos mapas a serem gerados, que neste estudo são os seguintes: pluridimensional, diastrático, diageracional e diarreligioso. Cada um desses mapas é gerado automaticamente, assim como os respectivos gráficos de frequência de ocorrência das variantes.

Os símbolos são a forma que o projeto encontrou para fazer a frequência das variantes visível no mapa. O símbolo preto é utilizado para representar a ocorrência da variante mais longe do padrão (nesse caso, *gibt*), o símbolo claro representa a variante mais próxima do padrão (nesse caso, *wedd*), e quando há coocorrência representa-se com um símbolo meio-a-meio. Inicialmente, os gráficos de frequência eram legendados a partir dos símbolos, mas depois, para que ficasse mais claro, o ALMA passou a usar as próprias variantes como legenda para os gráficos.

O mapa pluridimensional apresenta os dados dos quatro grupos de entrevista em forma de cruz (ver Mapa 2); o mapa diastrático mostra a variação entre os grupos Ca e Cb, comparando as respostas por escolaridade (ver Mapa 3); o mapa diageracional apresenta a variação de GII para GI, comparando as respostas por geração (ver Mapa 5); e, por fim, o mapa diarreligioso mostra a variação de uso das variantes conforme a confissão religiosa dos participantes de cada entrevista – se somente católicos, católicos e evangélico-luteranos ou somente evangélico-luteranos (ver Mapa 4). Há ainda outros mapas previstos na cartografia do ALMA-H que, no entanto, pelas razões já colocadas, não puderam ser analisados neste TCC.

Vale destacar, ainda, o papel do banco de dados para a cartografia. Após a realização das entrevistas, há de ser feito o tratamento dos dados adquiridos. Faz-se então o recorte dos áudios gravados durante as entrevistas, separando-os e etiquetando-os pelos pontos em que as entrevistas ocorreram e por grupo de falantes (ex.: AR01_CbGI_CgramI_43 = ponto da localidade: 25 de Mayo, Argentina; grupo de falantes: jovens com baixa escolaridade; pergunta: gramática I, frase de Wenker 43). Assim que os áudios são etiquetados são distribuídos nas respectivas pastas de cada pergunta. Nessas pastas estão os áudios e o mapa-base (*Matrix*), no qual os áudios são linkados, para serem acessados diretamente pelos links, no mapa. A partir dos áudios linkados de cada entrevista, faz-se então sua transcrição na tabela de dados do mapa Matrix, que será utilizado como base para os mapas de cada variável.

Concluída a transcrição, que pode mesclar transcrição fonética, com uso do IPA, e transliteração, com uso das normas do ESCRITHU (sistema de escrita do Hunsrückisch –

ver ALTENHOFEN, HABEL & PREDIGER, 2018), inicia-se a análise e interpretação dos dados, com a definição das legendas e dos símbolos.

A tabela de dados, a partir da qual se geram automaticamente os mapas das dimensões, através da ferramenta Excel, é então composta por: link do áudio da entrevista, o grupo de entrevistadores, os quatro grupos de informantes e a transcrição dos áudios. Trago aqui então um exemplo de tabela de dados (Figura 6):

Figura 6 – Dados do mapa CgramI_43a1_gibt-wird (spontan)

ALMA # H	Symb.	VARIABLEN	Cgram_43: gibt-wird (var-simb)	Cgram_43: gibt-wird (simb-grad)
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch	Q = ●	a_wird: gibt	●	gibt
	R = ●	b_geback(en)		ueberwiegend gibt/
	S = ●	c_sel(e)bst	●	gibt var. wird
	T = ●	d_(ge)gess(en)		ueberwiegend wird/
	U = ○	e_das_uns_es	○	wird
RS02 C+E [1826] - Ivoti & Dois Irmãos	CaGI	●	e-J+RW m1C f1C f2E	wedd +
	CbGI	○	e-CA+S m1E m2C f1E f2C	gibt + / gebackt +
	CbGI	○	e-CA+RW m1C f1C	gibt + / wedd +
RS03 C+E	CaGI		e-CA+RW m1C f1C	gibt + / wedd +

Fonte: Mapa [ALMA-H] CgramI_43a1_gibt-wird (spontan)

Como também é possível observar na fig. 6, a tabela tem a seguinte estrutura, da esquerda para a direita: ponto + confissão religiosa + ano de chegada dos imigrantes + local (ex.: RS02 | C+E [1826] - Ivoti & Dois Irmãos); link do áudio; símbolos (da esquerda para a direita: pluridimensional, diastrático, diageracional, topotípico ou fenotípico); entrevistadores; transcrições: perguntas e repostas espontâneas, síntese (ex.: *gibt +/ wird-/wedd**)¹⁹, sugestões e comentários metalinguísticos.

O que é importante destacar é que a parte superior da tabela é reservada à configuração da legenda do mapa, em que se atribui a cada variante (*gibt*, coocorrência de *gibt* e *wird* e *wird*) um símbolo para representá-la no mapa. Esses símbolos foram escolhidos pelo projeto de modo a tornar visíveis as ocorrências das variantes no mapa e, assim, observarem-se com mais facilidade os contrastes de uso entre localidades e grupos de entrevista. Para isso, o símbolo escuro em uma entrevista em que há a variante ou sua outra realização fonética mais

¹⁹ “+” significa que a variante foi reconhecida e aceita após uma sugestão; “-” significa que o falante não conhece a variante sugerida; “*” significa que a variante não foi sugerida.

distante do padrão (nesse caso, *gibt e gebt*); o símbolo claro quando há a variante mais próxima do padrão e suas outras realizações fonéticas (nesse caso, *wird, werd, widd e wedd*); e o símbolo meio-a-meio quando coocorre mais de uma variante na mesma entrevista.

Os mapas gerados automaticamente, a partir desta tabela de dados, são então igualmente analisados e interpretados para fins de estudos diversos. É o que veremos no próximo capítulo, como amostra e contribuição deste TCC.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, será feita a análise e interpretação da transcrição dos áudios e dos resultados referentes à pergunta CgramI_43, obtidos através do mapeamento das entrevistas do Projeto ALMA-H²⁰, segundo os gráficos criados automaticamente pela ferramenta Excel, na qual os mapas são elaborados. Os mapas analisados, como dito na seção 3.1.2, foram o diageracional (idade), diarreligioso (religião) e o diastrático (escolaridade), e aparecerão nesta ordem ao longo do capítulo.

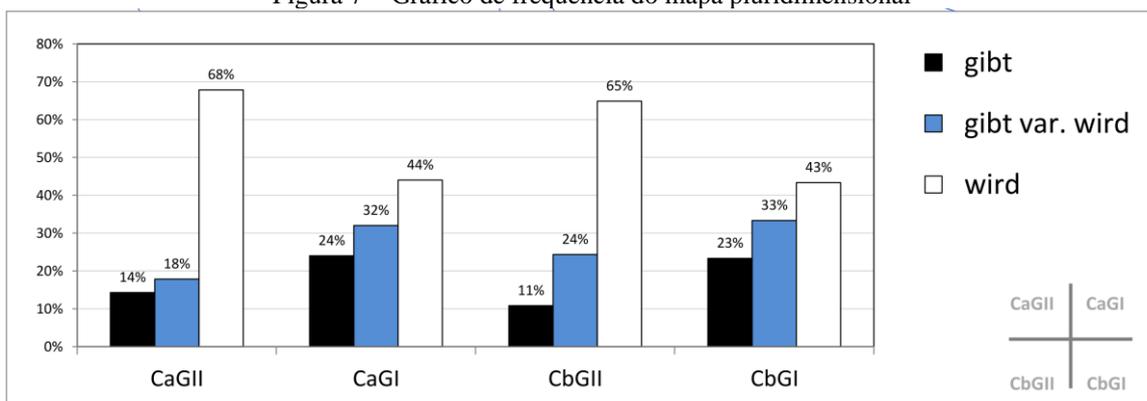
Deve-se lembrar, além disso, que a variável em estudo, aqui, é uma variável morfossintática que foca especificamente no verbo auxiliar da voz passiva, usado no Hunsrückisch. Este auxiliar tem, como já mencionado anteriormente, as seguintes variantes possíveis: *gibt* (e sua realização fonética *gebt*) e *wird* (e suas realizações fonéticas *wedd*, *werd* e *widd*).

4.1 VISÃO GERAL

Para observar os gráficos, faz-se importante explicar, primeiramente, a legenda utilizada para cada um. Temos, à direita do gráfico de frequência que nos dá uma visão geral de todas as dimensões analisadas (Figura 7), a legenda que demonstra que a coluna representada na cor preta é a de frequência de *gibt*, a coluna representada na cor branca é a referente à frequência de *wird*, e a coluna da coocorrência de variantes é representada na cor azul.

²⁰ Os dados utilizados para esta análise, tais como os gráficos de frequência e os mapas, fazem parte do banco de dados do Projeto ALMA, e, por essa razão, agradeço novamente ao coordenador do Projeto, Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen, pela disponibilização desses dados, e às minhas colegas no Projeto, Cláudia Pavan e Amanda T. Mello pela ajuda na transcrição dos áudios das entrevistas.

Figura 7 – Gráfico de frequência do mapa pluridimensional



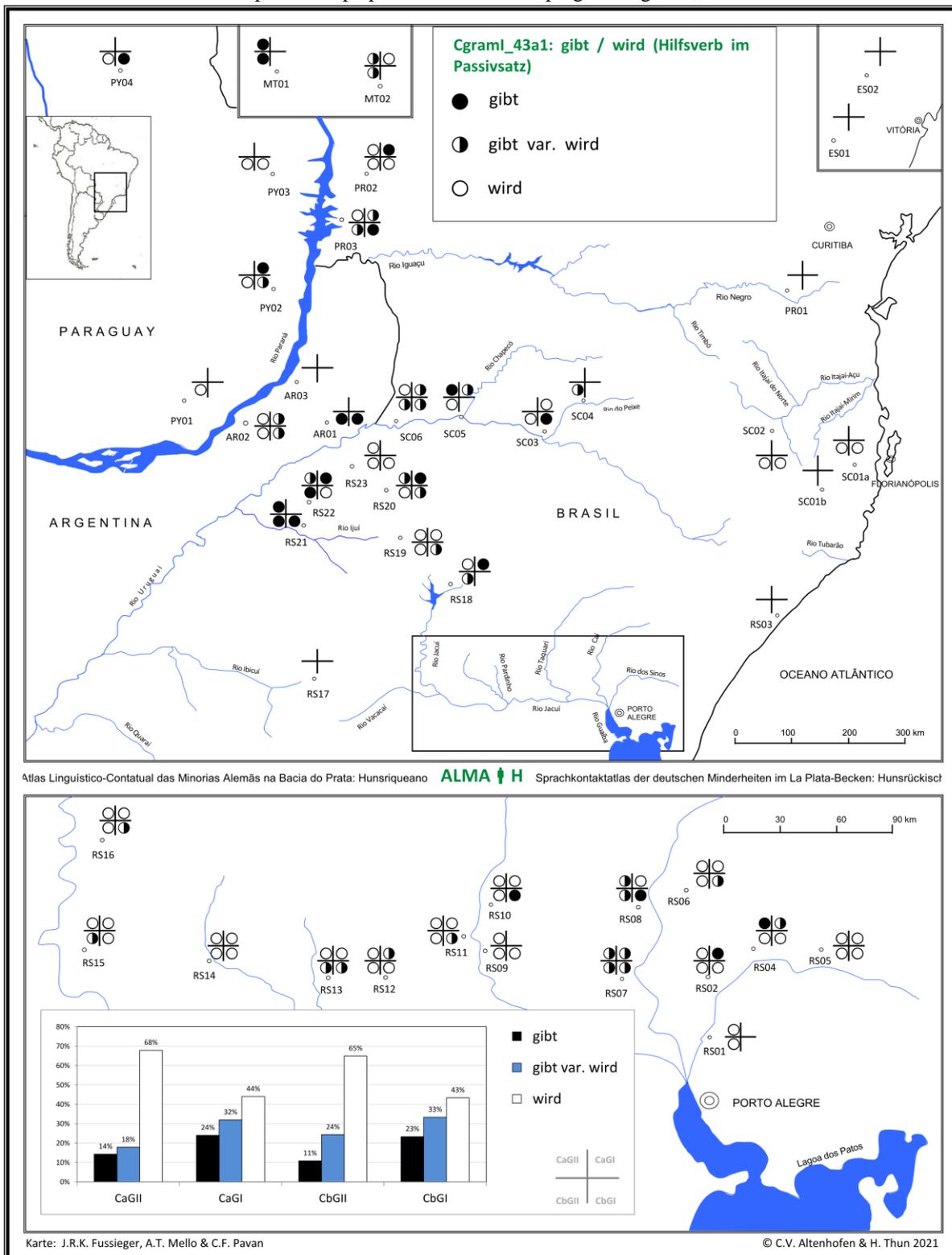
Fonte: base de dados do projeto ALMA-H

Conforme vemos no gráfico de frequência acima, uma primeira observação a ser feita é que, de modo geral, a coocorrência das variantes é bastante frequente em todos os quatro grupos, porém predomina o uso do auxiliar *wird*. Observa-se já uma diferença mais visível na dimensão diageracional: o uso das variantes *wird* é maior no grupo GII, já que CaGII tem ocorrência de 68% de *wird/wedd*, e CbGII tem 65%. Nos grupos GI, ao contrário, o uso de *gibt* aumenta em mais de 10%, nos índices tanto de ocorrência dominante, quanto de coocorrência com *wird*. Uma segunda observação que pude fazer no plano geral é observada na dimensão diatópica (cf. Mapa 2).

Observa-se no mapa, então, uma maior ocorrência de *gibt* na área Deutsch (Colônias Velhas), e que se transfere também para as Colônias Novas, onde é ainda mais acentuada (há mais símbolos escuros no mapa). É preciso levar em conta que os falantes das Colônias Novas são descendentes das Colônias Velhas, sobretudo da área Deutsch, de onde saíram há cerca de cem anos atrás (a partir de 1890), o que faz crer que ali também devia se manter um estado de língua que havia há cem anos, na área de partida. Em outras palavras, o índice mais elevado de uso da variante *gibt* pode ser a situação da área Deutsch cem anos atrás; em virtude de outras influências, que ainda precisam ser vistas, na área Deutsch atual o uso de *wird/wedd*, pelo contrário, ganhou terreno.

Observa-se, além disso, que nas microáreas do Hrs. tipo Deutsch, em pontos específicos como PY01 e PY03, RS01, RS19 e RS23, bem como da área de Hsc., as variantes *wird* predominam claramente. A análise dos demais mapas, especialmente da dimensão diarreligiosa, pode jogar mais luz sobre as questões observadas nessa primeira análise de ordem mais geral.

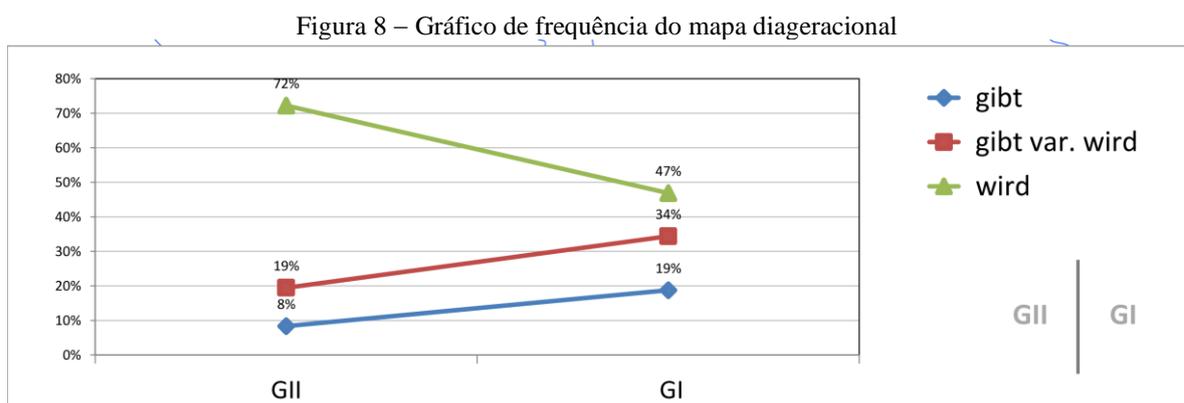
Mapa 2 – Mapa pluridimensional da pergunta CgramI_43



Fonte: base de dados do ALMA-H

4.2 VARIAÇÃO DIAGERACIONAL: MUDANÇA EM TEMPO APARENTE

A seguir, à direita do gráfico de frequência da dimensão diageracional (Figura 8), vemos que se utilizou como legenda: a linha azul com um losango como representante da variante *gibt*; a linha verde com um triângulo como representante da variante *wird*, e a linha vermelha com um quadrado como representante da coocorrência de variantes.

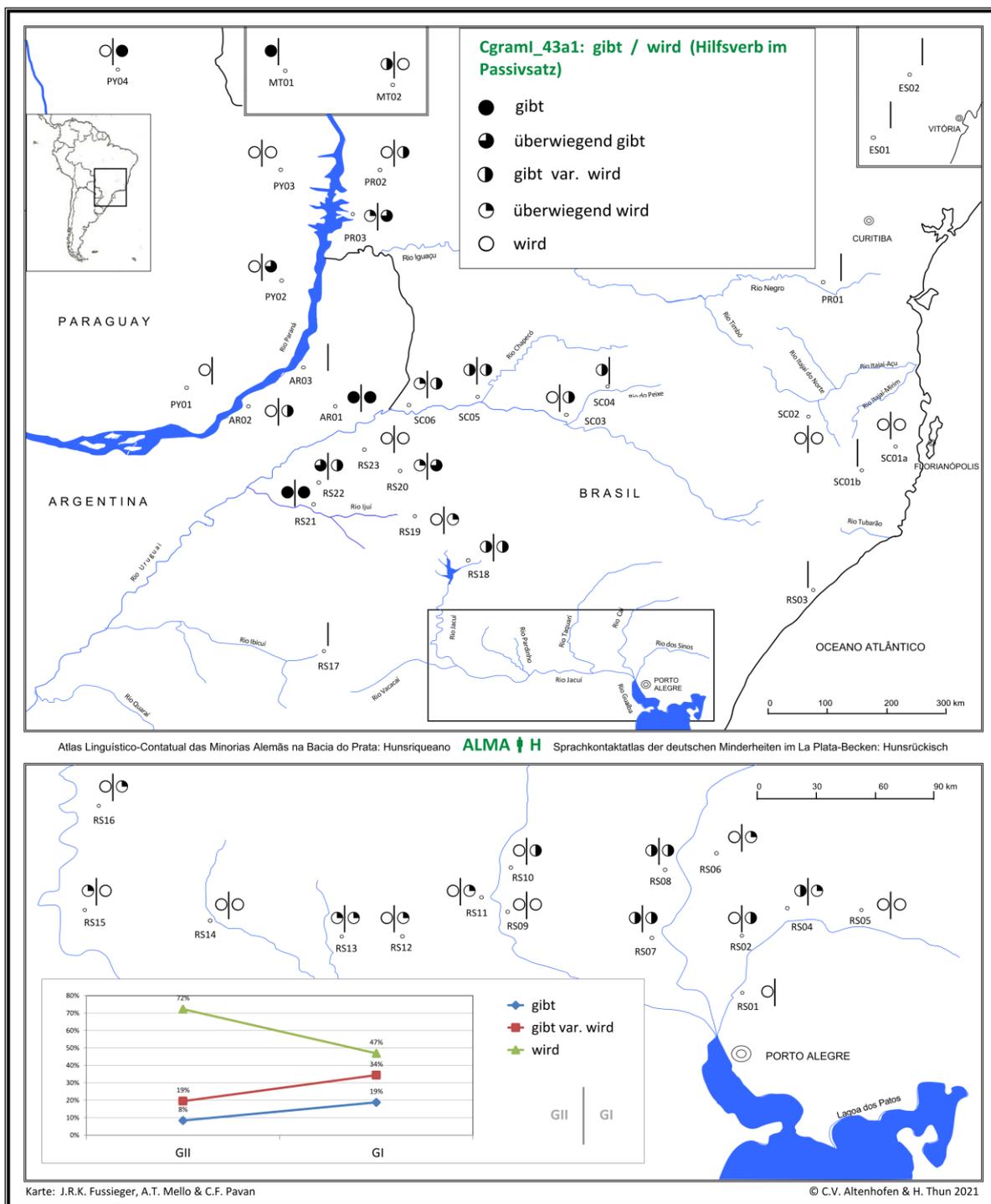


Fonte: base de dados do projeto ALMA-H

Aprofundando especificamente a análise da variação na dimensão diageracional, fica mais evidente o que já se observou no mapa mostrado na sessão anterior, de forma mais panorâmica. O gráfico de frequência da comparação entre *gibt* e *wedd* na dimensão diageracional (Figura 8) deixa claro uma diferença bastante expressiva, já que no grupo dos mais velhos (GII) ocorre 72% de uso de *wedd* como verbo auxiliar da voz passiva; já no grupo dos mais jovens (GI), usa-se *wedd* apenas em 47% das vezes.. Em contrapartida, vê-se também que o uso de *gibt* difere em 11%, sendo que no grupo GII ocorre em 8%, e no GI, 19%.. É registrada também uma diferença de frequência nas colunas de coocorrência das variantes, sendo que ela ocorre em 34% no grupo GI, e no grupo GII, essa coocorrência aparece 23% a menos.. Isso sinaliza uma mudança que os mais jovens estão começando a usar cada vez mais *gibt*.

Entretanto, quando se analisa a distribuição dessas tendências no mapa (cf. Mapa 3, abaixo), em linhas gerais, vemos as mesmas tendências já observadas no mapa pluridimensional, de correlação de *gibt/wird* com a microárea ou ponto de pesquisa dos levantamentos. O que chama a atenção, contudo, é que são poucos os grupos entrevistados (GII ou GI) com ocorrência dominante de *gibt*. A exceção são os pontos RS23, MT01, AR01 e PY04. De modo geral, *gibt* ocorre predominantemente em coocorrência com variantes de *wird*, não obstante o gráfico sinalizar uma mudança em curso na direção de *gibt*, entre os mais jovens. É possível que o fator religião desempenhe um papel adicional. Vejamos.

Mapa 3 – Mapa da dimensão diageracional da pergunta CgramI_43

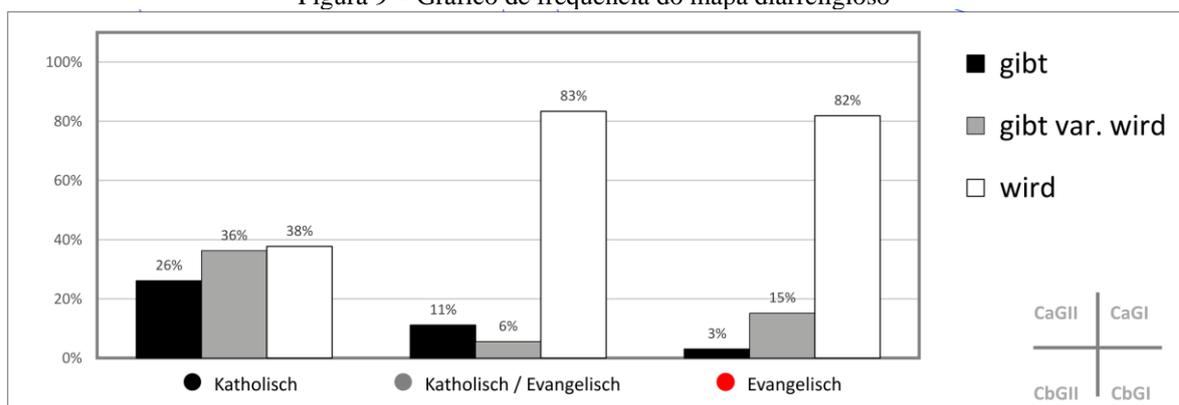


Fonte: base de dados do ALMA-H

4.3 VARIAÇÃO DIARRELIGIOSA: PAPEL DA RELIGIÃO

Vemos na parte inferior do gráfico de frequência da dimensão diarreligiosa que o que a dimensão diarreligiosa tem de singular é a representação da confissão religiosa dos falantes no mapa através das cores: os grupos de predominância católica são representados com a cor preta, os grupos de confissão mista, em cinza, e os de confissão evangélico-luterana, em vermelho, o que torna a dimensão mais visível no mapa (cf. Mapa 4).

Figura 9 – Gráfico de frequência do mapa diarreligioso



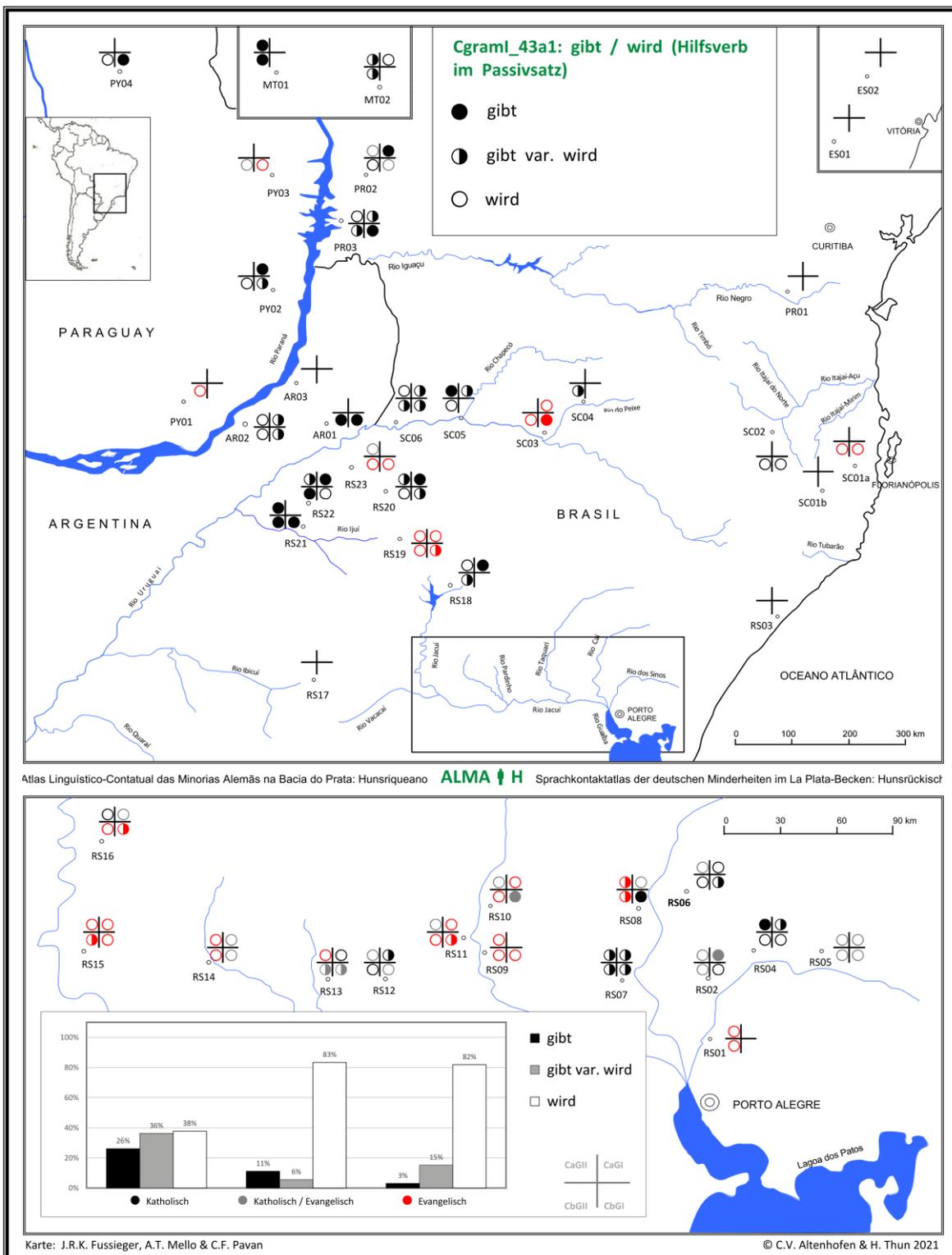
Fonte: base de dados do projeto ALMA-H

Ao se observar o gráfico de frequência dessa dimensão (Figura 9) pode-se constatar que a variante *gibt* é especialmente dominante em grupos de falantes católicos, embora em coocorrência com *wird*. Nesse grupo, registrou-se o maior uso dessa variante, tanto em ocorrência dominante (26%), quanto em coocorrência (36%). Nos demais grupos – mistos ou evangélicos – o uso de *wedd* é bem mais acentuado, passando dos 80%. Poder-se-ia dizer que os evangélicos teriam mais acesso à norma escrita, tendo em vista sua relação mais “íntima” com os textos da Bíblia, traduzida para o alemão por Martinho Lutero em 1522. A ideia de que isso se relaciona com o uso predominante de *wedd* pelos falantes evangélicos deve ser vista, no entanto, com certa reserva, como veremos na seção 3.4, da dimensão diastrática. É importante lembrar, então, que *wird* se realiza também como variante fonética (*wedd*) com pronúncia mais dialetal do que *gibt*.

Observando o mapa da dimensão diarreligiosa (v. Mapa 4, abaixo) – no qual se representa no ALMA-H os símbolos para os grupos católicos em cor preta, os mistos em cinza e os evangélicos em cor vermelha –, pode-se perceber claramente que a área *Deutsch* é, em sua origem, mais evangélica, com alguns pontos mistos, e a área *Deitsch* é mais mista, com alguns pontos essencialmente católicos. Nas Colônias Novas, são justamente os pontos de maioria evangélica que apresentam o uso mais acentuado da variante *wird/wedd*. No

ponto PY01, por exemplo, encontra-se um grupo evangélico, puxando o uso para *wird/wedd*. O mesmo vale para a área Hsc..

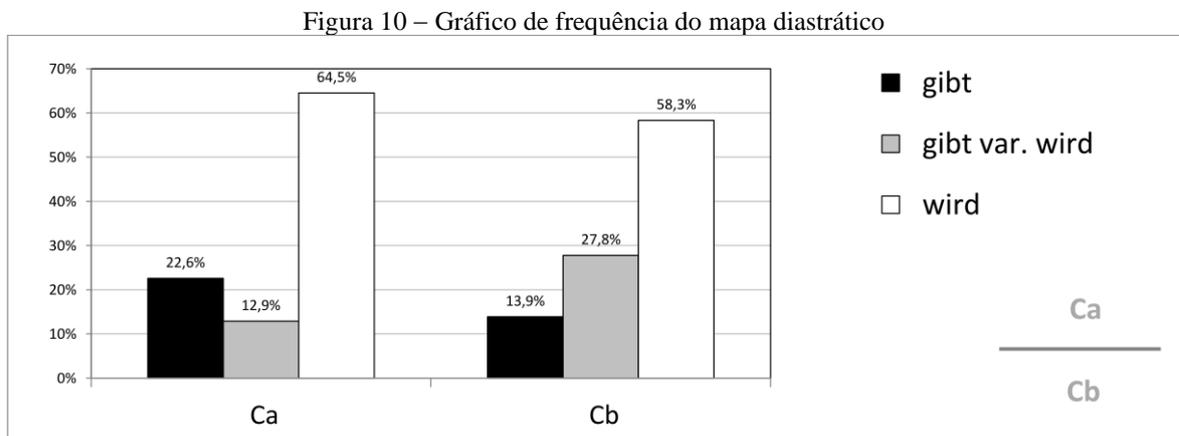
Mapa 4 – Mapa da dimensão diarreliosa da pergunta CgramI_43



Fonte: base de dados do ALMA-H

4.4 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA: PAPEL DA ESCOLARIDADE

Vejamos, inicialmente, os dados do gráfico de frequência para essa dimensão:

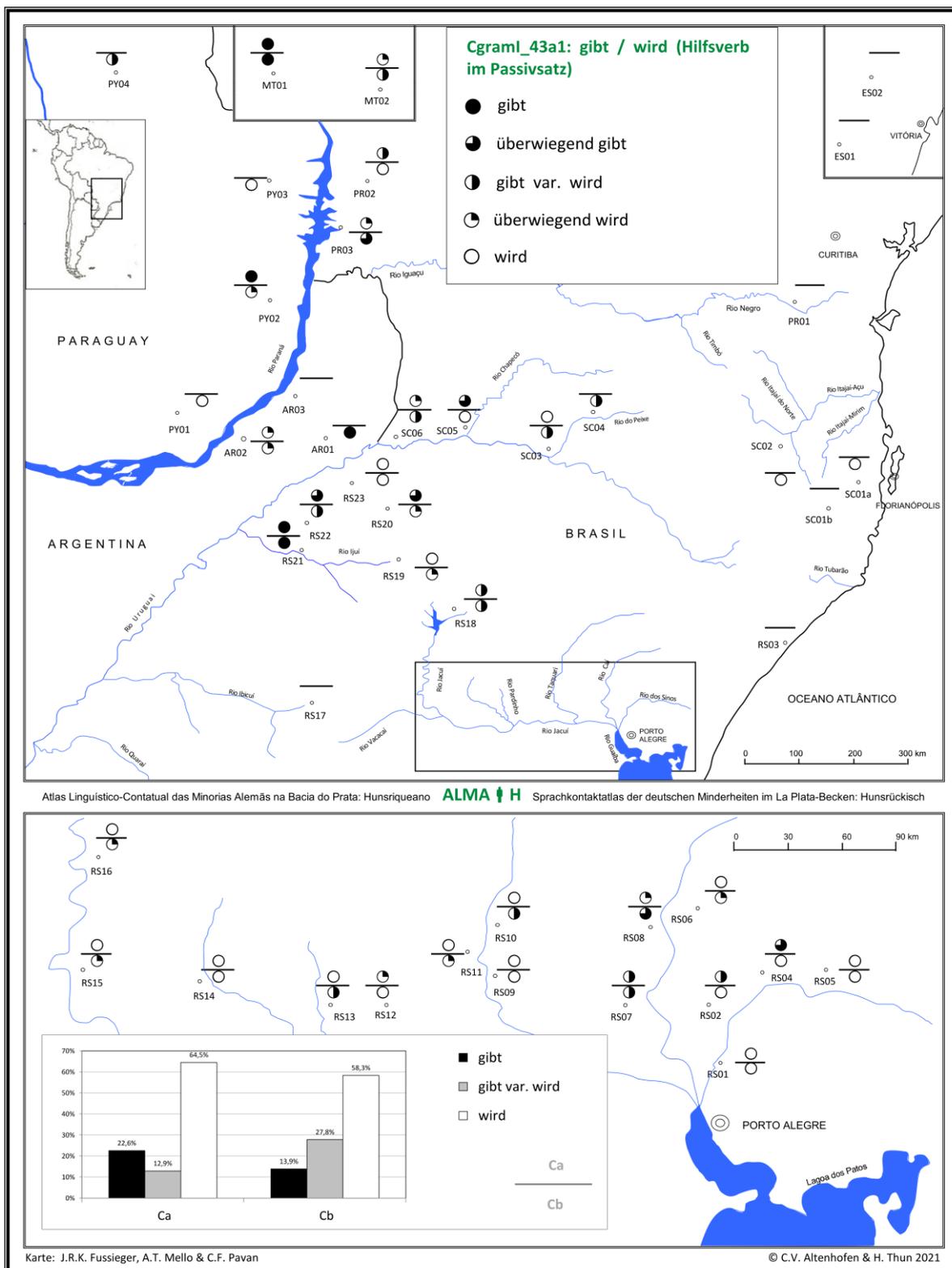


Fonte: base de dados do projeto ALMA-H

Por meio do gráfico de frequência e do mapa da dimensão diastrática, observa-se, ao menos como macro-tendência, que a escolaridade desempenha aparentemente papel reduzido no uso da variável estudada, pois não há uma diferença substancial no uso de *wedd* e *gibt* entre os dados dos grupos Ca e Cb. Os índices dos grupos Ca e Cb, como mostra o gráfico de frequência abaixo (Figura 10), são bastante próximos. No entanto, observa-se uma covariação maior no grupo menos escolarizado (Cb), que parece mesclar mais as variantes, já que em Ca há uma ocorrência de 12,9% de coocorrências, enquanto em Cb há 27,9%, o que representa mais que o dobro do outro grupo. Com isso, os demais índices reduzem: o uso da variante *gibt* sozinha cai de 22,6% em Ca para 13,9% em Cb, e o uso da variante *wedd* sozinha cai de 64,5% em Ca, para 58,3% em Cb.

Pode-se dizer então que, curiosamente, houve um índice menor de uso da variante mais dialetal (*gibt*), diferente do que ocorre na comparação GII – GI (dimensão diageracional), apesar de haver mais covariação. Como veremos mais adiante, fazendo algumas considerações acerca das percepções linguísticas dos falantes – na próxima seção –, isso não significa que a ocorrência da variante *wird*, que é predominantemente realizada como *wedd*, seja vista como mais próxima do *standard* (padrão), pois os falantes, tendo em vista a percepção fonética (pronúncia), parecem associar *gibt* como mais próxima do *standard*, e não *wedd*. Inclusive ocorre de alguns falantes confundirem *wird* com *will* ('quer'), não reconhecendo a forma *wird* apresentada pelo entrevistador (ver exemplo na seção 3.5).

Mapa 5 – Mapa da dimensão diastrática da pergunta CgramI_43



Fonte: base de dados do ALMA-H

Analisando a distribuição das variantes no mapa para a dimensão diastrática (v. Mapa 5), valem as mesmas observações já feitas anteriormente (v. 3.1). Ou seja, a hipótese de que

os falantes de menor escolaridade (Cb) fariam menor uso da variante *wedd* se confirma parcialmente, pois utilizam menos do que o grupo Ca, mas utilizam bem mais *wedd* do que *gibt*, e percebe-se pelo uso das variantes de forma mista que o uso do grupo menos escolarizado está puxando mais para o uso de *wedd* do que o mais escolarizado. Mas isso não quer dizer que *wedd* seja associado ao standard, e sim, pelo contrário, visto como mais dialetal ou local.

4.5 PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS

As percepções e atitudes linguísticas com respeito às variantes associadas à variável em estudo foram analisadas de forma qualitativa, a partir da transcrição dos dados. Nesse sentido, observam-se alguns comportamentos metalinguísticos e perceptuais bastante singulares que ajudam a aprofundar a análise dos dados nas diferentes dimensões. Vejamos alguns excertos retirados dos dados transcritos na tabela de dados do mapa [ALMA-H] CgramI_43a1_gibt-wird (spontan). Importante lembrar, para entender os excertos, a legenda que o ALMA utiliza na transcrição:

- a) <F1> = *Frage 1* (parte 1 da pergunta)
- b) <F2> = *Frage 2* (parte 2 da pergunta)
- c) <I> = Insistência do entrevistador
- d) f = *Frau* (mulher)
- e) m = *Mann* (homem)
- f) <S> = *Suggestierung* (sugestão)
- g) <MK> = *metasprachliche Kommentar* (comentário metalinguístico)

A seguir, o primeiro exemplo analisado:

▪ **Excerto 1:**

<F1>

- m1- hier [g̊ɛ̃b̊d̊] das Brot noch von uns [ˈselə̃b̊d̊] gebackt
- <I- sooht'der all **gibt**... net...>
- f1- [g̊ɛ̃b̊d̊]
- m1- [g̊ɛ̃b̊d̊]

<S- *wedd*>

- m1- **wedd** das Brot... ooch! (:) kann'ma ooch soohn.
- f1- ia, **wedd** das Brot.
- <I- Unnerschidd, wenn ma **wedd** sooht?>
- f2- Nee, selwiche Dings.
- <I- selwiche?>
- f1- dohier **wedd** das Brot ode dohier **gebt** das Brot... **Gibt** selwich
- m1- **Werd** é mais futuro, weil es tem uma ideia mais de futuro... ||

<F2>

- <I- no fim das contas>
- f1- ah, *am Enn*!
- m1- om Enn **g[e]bt** net alles g[e]ss

(Inf. RS02-CaGI-cat., pergunta CgramI_43)

▪ **TRADUÇÃO:**

<F1>

- m1- aqui o pão ainda é feito por nós mesmos
- <I- vocês todos dizem **gibt**... não...>
- f1- [g̊ɛ̃b̊d̊]
- m1- [g̊ɛ̃b̊d̊]

<S- *wedd*>

- m1- **wedd** *das Brot*... também! (:) também se pode dizer.
- f1- Sim, **wedd** *das Brot*.
- <I- diferença, quando se diz **wedd**?>
- f2- não, a mesma coisa.
- <I- mesma coisa?>
- f1- *dohier wedd das Brot* ou *dohier gebt das Brot*... ('aqui, o pão é'...) **Gibt** a mesma coisa
- m1- **Werd** é mais futuro, porque tem uma ideia mais de futuro... ||

<F2>

- <I- no fim das contas>
- f1- ah, *am Enn*!
- m1- no fim, não é tudo comido

(Inf. RS02-CaGI-cat., pergunta CgramI_43)

O primeiro excerto mostra, em meio à técnica em três tempos (v. seção 2.2.3), que a forma usual desses falantes é *gebt*, mas que *wedd* é conhecida, e provavelmente associada a uma outra variante parcialmente dominada (que o falante m1 associa com *werd*, com um [r] que não é mais pronunciado), ou seja, o falante associa o *wedd* à norma escrita, porém demonstra competência apenas parcial no standard, não fazendo uso de *wird*, como seria esperado. O mesmo falante menciona, após a sugestão, que a variante *werd* traz consigo uma ideia de verbo no futuro quando usada, provavelmente por causa da forma verbal *werden*, no alemão standard, utilizada também como verbo auxiliar do futuro (ex.: *ich werde essen* = 'eu vou comer').

Já na segunda parte da pergunta, há uma insistência da formulação em português pelo entrevistador, e o falante m1 confirma que a forma usual é *gebt*, e não *gibt*, sendo provável que a pronúncia de [e] no lugar de [i], como em *werd*, tenha influenciado essa pronúncia.

▪ **Excerto 2:**

<F1>

- f1 - hier... do... ba'uns backe ma noch [seʔb̥s] das Brot
- m1- do **wedd** das Brot [seləb̥f] gebackt
- f2- do **w[e]dd's** Brot [seləb̥f̥d̥] gebackt
- m2- Brot [seləb̥f] geback
- f2- do **wedd's** Brot noch [seʔb̥f̥] geback ||

<F2>

- f1- Es **wedd** gemeinehand goo net alles g[ɛ]ss
- f2- ja, wahrscheinlich **wedd's** goo net alles g[ɛ]ss
- m2- Es **wedd** nie alles g[ɛ]ss

<S- **ihr seht immer *wedd*, unn *es gibt gess*?**>

- m1- Haã! Das is von Santa Catarina, é.
- /f1- ninguém usa
- m1- ia, die Buwe von Santa Catarina ((m-ext-lacht))
- m-ext- São Miguel do Oeste

(Inf. RS05-CbGII-cat&ev., pergunta CgramI_43)

▪ **TRADUÇÃO:**

<F1>

- f1 - aqui... aí... entre nós ainda fazemos o pão nós mesmos
- m1- aqui o pão é feito pessoalmente
- f2- aqui o pão **é** feito pessoalmente
- m2- pão feito pessoalmente
- f2- aqui o pão ainda é feito pessoalmente ||

<F2>

- f1- normalmente nem **é** tudo comido
- f2- sim, provavelmente nem **é** tudo comido
- m2- não **é** nunca tudo comido

<S- **vocês dizem sempre *wedd*, e *es gibt gess*?**>

- m1- Haã! Isso vem de Santa Catarina, é.
- /f1- ninguém usa
- m1- sim, os rapazes de Santa Catarina ((m-ext-ri))
- m-ext- São Miguel do Oeste

(Inf. RS05-CbGII-cat&ev., pergunta CgramI_43)

Já no segundo excerto, contrariamente, aparece a variante *wedd* na resposta espontânea, e é um comportamento convergente, ou seja, todos os informantes respondem com *wedd*. Então, na segunda parte da pergunta, *wedd* se mantém como resposta, confirmando que, de fato, é a forma espontânea dominante.

Quando o entrevistador pergunta se é possível falar a variante *gibt*, o falante m1 confirma conhecer a variante, mas a relaciona com um grupo externo de falantes catarinenses que se instalou na localidade, e quando f1 nega dizendo que “ninguém usa” a variante, m1 confirma de novo que é uma variante usada por falantes da comunidade que vieram de SC. Um outro falante que participava da entrevista (m, religião e idade não identificados) ri e acrescenta a localidade de onde supostamente viria esse grupo.

▪ **Excerto 3:**

<F1>

- f1- dohier **wedd** das Brot noch von uns [seʔvɛd]... selwert geback
- m1- sim, [seləbʃd̥] ((nachdenklich)) [seʔvɛd] ((betont)) unn [seləbʃd̥]

<MK> • m2- é, tem as duas opções

- f1- conforme tu organiza a frase
- m1- é (...)

• <S- kann ma auch sagen "hie gibt das Brot gebackt"? *wedd* oder *gibt*?>

- m1 - **wedd** geback. No futuro! **wedd** geback (...)
- oder die Mutti backt das Brot, né (...)
- m2- também... futuro...
- m1- mas também pode ser interpretado por futuro... depende do contexto, na hora se tá fazendo
- f1- unn **gibt** gebackt...
- /m3 - die backt's Brot, ja, kannst nochter backe, is om Backe!...
- f1- (?)
- (...)
- m3- 's **gibt** geback, pode ser, parece que é mais tempo ainda
- m1- „Manhe, **gibt's** Brot geback“... é ||

<F2>

- m1- das **wedd** wirklich!...
- m2- **wedd** schon wohl net alles g[e]ss
- m1- Ia!

(Inf. RS11-CaGI-ev., pergunta CgramI_43)

▪ **TRADUÇÃO:**

<F1>

- f1- aqui o pão ainda **é** feito por nós próprios... feito pessoalmente
- m1- sim, por nós próprios ((pensativo)) [seʔvɛd] ((enfatisa)) e [seləbʃd̥]

<MK> • m2- é, tem as duas opções

- f1- conforme tu organiza a frase
- m1- é (...)

• <S- kann ma auch sagen "hie gibt das Brot gebackt"? *wedd* oder *gibt*?>

- m1 - **wedd** geback. No futuro! **wedd** geback (...)
- ou a mãe faz o pão, né (...)
- m2- também... futuro...
- m1- mas também pode ser interpretado por futuro... depende do contexto, na hora se tá fazendo
- f1- e **gibt** gebackt...
- /m3 – ela faz o pão, sim, pode fazer/assar mais tarde, está fazendo!...
- f1- (?)
- (...)
- m3- 's **gibt** geback, pode ser, parece que é mais tempo ainda
- m1- „Manhe, o pão é feito?“... é ||

<F2>

- m1- **é** feito realmente!...
- m2- não **é** certamente tudo comido
- m1- Sim!

(Inf. RS11-CaGI-ev., pergunta CgramI_43)

Nesse terceiro excerto, vemos outra situação. Na resposta espontânea, *wedd* novamente aparece como variante mais usual (importante notar que os falantes são todos evangélicos), mas também – assim como os participantes do excerto 1, de RS02 – associam *wedd* como auxiliar do tempo verbal futuro, o que contribui também para o uso de *gibt* que, após a sugestão, é reconhecida. O fato de essa forma não ter sido lembrada assinala um certo enfraquecimento no seu uso, tanto que m1 simula uma citação (“Manhe, **gibt's** Brot geback” – pt. “Mãe, o pão está sendo feito.”), para ver se a forma “soa” usual e aceitável, e, com isso, e com isso confirmando que a frase faria, sim, sentido nesse contexto, afirmando: „é“.

Apesar disso, os informantes confirmam, mesmo assim, o *wedd* como auxiliar da voz passiva, o que pode ser visto na segunda parte da pergunta. Ou seja, *wedd* parece ser, de fato, a variante usual, e eles tentam justificar seu uso, após a sugestão, com a “teoria” de que é usada no futuro, no sentido de algo que ainda vai ocorrer.

▪ **Excerto 4:**

<F1>

- m1- hier **wedd's** Brot noch [selvəɔ] geback ba uns
- f1- noch [sɛləɔɔ] geback
- <I- [sɛləɔɔ]?>
- f1- [sɛləɔɔ] geback, ia
- <I- wedd geback?>
- f1-/m1- **wedd** geback ||

<F2>

- m1 - das **wedd** wahscheilich goo net alles g[ɛ]ss
- f1 - es **wedd** wahscheilich net alles g[ɛ]ss

<S- annerste soohn, statt *wedd*?>

- (::)

• <S- *gibt*...?>

- m2- **wedd** wahscheins net alles gess werre... ((lächelt))

• <S- *gibt geback, gibt gess... net*?>

- m1- é, das... ia, hie spreche se ooch, awer... Awer das is vuelleicht so ganze alte, wo das noch... spreche

(Inf. RS11-CbGII-cat., pergunta CgramI_43)

▪ **TRADUÇÃO:**

<F1>

- m1- aqui o pão ainda **é** feito por nós mesmos em casa
- f1- ainda feito por nós mesmos
- <I- por nzs mesmos?>
- f1- [sɛləɔɔ] geback, ia
- <I- **wedd geback**?>
- f1-/m1- **wedd** geback ||

<F2>

- m1 – provavelmente nem **é** tudo comido
- f1 – provavelmente não **é** tudo comido

<S- falar diferente, ao invés de *wedd*?>

- (::)

• <S- *gibt*...?>

- m2- **wedd** ‘não **vai ser** provavelmente tudo comido... ((ri))

• <S- *gibt geback, gibt gess... não*?>

- m1- é, isso... sim, aqui falam também, mas... mas são talvez alguns bem velhos que ainda... falam assim

(Inf. RS11-CbGII-cat., pergunta CgramI_43)

No excerto 4, novamente se confirma a convergência para a forma usual e espontânea *wedd*, a qual também é confirmada pela pluralidade de informantes. Esse ponto parece ter uma situação bem consolidada: quando se questiona se há outra possibilidade além de *wedd*, há uma pausa, e após a sugestão, há repetição de *wedd* e, só após a terceira insistência, se confirma *gibt*, mas como algo que somente pessoas bem mais velhas ainda falam. O fato de a resposta provir de um grupo CbGII, e esse ser o grupo que normalmente apresenta as formas mais arcaicas, chama atenção, mas mostra que a forma *gibt* – ao menos nessa localidade – já tem um uso bem restrito, em vias de cair em desuso.

▪ **Excerto 5:**

<F1>

- m1- die **will** all das Brot noch von uns [setvə] gebackt hann ||

<F2>

- m1- das hot net alles g[ɛ]ss ((**wird** vermutlich nicht verstanden))

<S- *das wedd, ka'ma das ooch soohn? das wird*?>

- m1- das **wedd!** net alles g[ɛ]ss
- <S- **ode das gibt net alles gess**?>
- /m1- das **gibt** net alles g[ɛ]ss
- f1- das **gibt** ((ganz leise))

(Inf. RS21-CaGI-cat., pergunta CgramI_43)

▪ **TRADUÇÃO:**

<F1>

- m1- ela **quer** ter feito ainda todo o pão por nós mesmos ||

<F2>

- m1- isso não comeu tudo ((**wird** supostamente não compreendido))

<S- *das wedd, também se pode dizer? das wird*?>

- m1- *das wedd!* não é tudo comido
- <S- **ou das gibt net alles gess**?>
- /m1- *das gibt* net alles g[ɛ]ss
- f1- *das gibt* ((fala baixinho))

(Inf. RS21-CaGI-cat., pergunta CgramI_43)

Nesse excerto, o falante m1 aparentemente não entende a variante *wird*, confundindo-a de forma espontânea com *will* (forma do verbo *wollen* ‘querer’ na 1ª. e 3ª. p.sg.). Isso acontece, provavelmente, porque, nesse ponto (RS21), situado nas Colônias Novas, a presença do alemão standard não é tão latente, já que aí predomina um Hrs. de tipo *Deitsch*, e o grupo de falantes é essencialmente católico, logo tende ao uso de *gibt*. Assim, após a sugestão, o falante m1 responde com *wedd*, inclusive com certa ênfase na entonação, visto que agora entendeu o sentido da frase. Com isso, fica evidente que há uma distância do alemão standard, pois *wird* não é reconhecido, mas *wedd* sim. Ou seja, há para esse informante uma ausência da competência na norma culta do alemão standard, onde se usa a forma *wird*. Uma saída teria sido fazer a pergunta em português, mas não foi feita. E a variante *gibt* quando sugerida foi aceita, mas não de forma categórica, como *wedd*, tanto que m1 responde em voz baixa. Esse excerto causa uma dificuldade em distinguir o que é de uso espontâneo e de conhecimento passivo.

▪ Excerto 6:

<F1>

- m1- hier [g]ibt das Brot noch von uns... [setʃs]...
ããã...
- /f1- sel...
- m1- von uns [setʃwə] geback, sei lá
- <I- hier, wie war's?
- f1- hier gibt das... Brot noch von uns [setʃwə] geback
- <S- *wedd das Brot von uns selwer gebackt?*>
- m1- ooch, ooch ||

<F2>

- f1- das will om Enn... immer... aus... g[ɛ]ss ((*wird* vermutlich nicht verstanden))
- <I- es wird am Ende gar nicht alles gegessen. Aquele pão não é comido todo>
- f1- ah! das Brot gibt net alles g[ɛ]ss
- <I- am Enn, por fim?>
- f1- äh, ganz g[ɛ]ss
- <I- não, por fim, o pão não é comido todo>
- f1- zum Schluss gibt das Brot net ganz g[ɛ]ss
- m1- ähã ((stimmt zu))

(Inf. RS22-CaGI-cat., pergunta CgramI_43)

▪ TRADUÇÃO:

<F1>

- m1- aqui o pão é feito ainda por nós mesmos...
ããã...
- /f1- mes...
- m1- feito por nós mesmos, sei lá
- <I- aqui, como foi mesmo?
- f1- aqui o... pão ainda é feito por nós mesmos
- <S- *wedd das Brot von uns selwer gebackt?*>
- m1- também, também ||

<F2>

- f1- ele no fim... sempre... quer comido por inteiro ((*wird* aparentemente não compreendido))
- <I- *es wird am Ende gar nicht alles gegessen.* Aquele pão não é comido todo>
- f1- ah! o pão não é todo comido
- <I- *am Enn*, por fim?>
- f1- äh, todo comido
- <I- não, por fim, o pão não é comido todo>
- f1- ao final o pão não é todo comido
- m1- ähã ((concorda))

(Inf. RS22-CaGI-cat., pergunta CgramI_43)

Vê-se, então, nesse último excerto, que a resposta espontânea é confirmada pela pluralidade de informantes, que convergem em relação ao uso de *gibt*. Houve dificuldades com a pronúncia de *selbst*, por isso a necessidade do entrevistador de insistir. Após a sugestão, quando surgiu a forma *wedd*, o informante m1 concordou com ela.

Considerando que o excerto 6 provém de uma entrevista de um ponto das Colônias Novas (RS22), como o anterior, parece configurar-se uma tendência de perda da competência em alemão standard. Também aqui o falante (nesse caso f1) se confunde e fala *will* no lugar de *wird*, por provavelmente não reconhecer a segunda forma, corroborando o que foi observado no ponto vizinho (v. excerto 5). A relutância da informante quanto ao sentido da frase se expressa em três pausas de hesitação. Isso muda após a tradução para o português pelo entrevistador, quando reage com mais certeza, usando a interjeição “ah!” e respondendo *gibt*. Parece claro que não a forma standard *wird* não havia sido entendida.

Em resumo, assim, ao se observar os seis excertos escolhidos, pode-se dizer que a percepção das formas do auxiliar na voz passiva (*gibt/wedd*), de modo geral, denotam uma interferência no grau de presença e competência da norma standard, porém sem associar aparentemente alguma marca de mais ou menos prestígio. O uso na comunidade local é determinante. No entanto, essa percepção pode se dar vinculando alguma variante específica (geralmente *gibt*, como visto nos excertos 2 e 4) à fala de um outro grupo, como catarinenses ou pessoas mais velhas, por exemplo, ou até confundindo a pronúncia de *wird*, por não a conhecer, o que sinaliza uma ausência de competência da norma standard do *Hochdeutsch*. Isso é especialmente dominante na área da Colônias Novas. Com isso, vemos que as diferentes dimensões analisadas nesta monografia ajudam a complementarem uma à outra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise feita, pode-se concluir que de modo geral predomina um comportamento bastante variável no uso de variantes *gibt/wedd* para o auxiliar da voz passiva, no Hunsrückisch brasileiro. Contudo, graças ao método cartográfico pluridimensional, do modo como é empregado pelo ALMA-H, é possível entretanto observar, em uma visão mais global, algumas macrotendências no uso das variantes. Os diferentes fatores condicionadores puderam ser controlados de forma quantitativa (por meio de gráficos de frequência), distributiva (mapas em diferentes dimensões) e qualitativa (no caso de percepções observadas no âmbito das entrevistas). O estudo preliminar feito aqui com base na pergunta CgramI_43, do banco de dados ALMA-H, permitiu testar as seguintes hipóteses:

- a) há relevância da correlação entre a origem regional do falante e o uso de cada variante, considerando a topodinâmica das migrações dos falantes na área do ALMA-H;
 - Esta hipótese se confirma na comparação entre as diferentes microáreas identificadas no ALMA, como se verá nos mapas anexados ao estudo;
- b) a proximidade de *wedd* com a forma *wird* da norma culta do Hochdeutsch pode induzir a uma maior ocorrência de *wedd* e conseqüentemente sua difusão;
 - Os resultados confirmaram que isso não acontece, pois a competência dos falantes é pouca em perceber que *wedd* é a variante mais próxima do padrão, devido à fonética;
- c) em virtude da hipótese 2, esperava-se, na microárea do Hunsrückisch de tipo Deutsch (v. Mapa 1), com maior proximidade da norma *standard*, um predomínio do uso de *wedd*;
 - Essa hipótese se confirmou, porém pode haver outros fatores interferindo, especialmente a confissão religiosa;
- d) do mesmo modo, na dimensão diastrática, esperava-se um maior uso da variante *wedd* pelos falantes com maior escolaridade (CaGI e CaGII);
 - Não se observaram diferenças substanciais vinculadas ao papel da escolaridade. Outros fatores se mostram mais determinantes;
- e) contrariamente, na comparação dos resultados da fala dos mais velhos (GII) para os mais jovens (GI), que indica uma mudança em progresso, no tempo aparente, a tendência esperada era de que os jovens usassem mais *gibt*, devido à perda gradual da língua-teto “Hochdeutsch” e sua substituição pelo português;
 - Houve, de fato, um aumento de 11% no uso da variante *gibt* na GI;

f) na dimensão diarreligiosa, esperava-se que os falantes de confissão evangélico-luterana fizessem maior uso de *wedd*, em virtude de sua maior proximidade com a escrituralidade em alemão.

- Os dados mostraram de fato uma correlação significativa em termos numéricos (44% maior entre evangélicos do que entre católicos), porém não categórica. Sua ocorrência está atrelada à microárea migratória em que se localiza cada localidade.

Por fim, acho necessário dizer que, para mim, esse projeto valeu de grande aprendizado, me munindo de uma compreensão e sensibilização à variação e mudança no Hunsrückisch, proporcionando-me um crescimento imenso, e me instigando a futuras investigações. Gostaria de destacar meu trabalho como bolsista PIBIC-CNPq no Projeto ALMA-H, em que, ao participar dos GT's de Transcrição e Cartografia, muito aprendi para que esta pesquisa pudesse ser por mim realizada, contribuindo para as discussões sobre como aprimorar o modelo dos mapas do ALMA-H, e como tornar a transcrição das entrevistas mais clara e precisa para essa área de pesquisa, para servir de base a futuras pesquisas e análises. Espero que este trabalho de conclusão de curso, apesar das limitações já mencionadas, sirva - de certa forma - como um “pontapé inicial” para outros estudos da variação e mudança linguística na língua de imigração alemã Hunsrückisch que utilizam a base de dados bastante ampla do projeto ALMA-H.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien *In*: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (Eds.). **Förderung der deutschen Sprache weltweit**. Vorschläge, Ansätze und Konzepte. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. p. 531-551. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110479232-033>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; PREDIGER, Angélica. A escrita do Hunsrückisch *In*: ALTENHOFEN, Cléo V.; HABEL, Jussara M.; NEUMANN, Gerson R.; PREDIGER, Angélica (orgs.). **Hunsrückisch em prosa e verso**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2018. p. 23-34. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/184118>. Acesso em: 20 ago. 2021
- ALTENHOFEN, Cléo V. & MORELLO, Rosângela *et al.* **Hunsrückisch**: inventário de uma língua no Brasil. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.
- SCHMIDT, Jürgen E. Die deutsche Standardsprache: eine Variät – drei Oralisierungsnormen *In*: EICHINGER L.; KALLMEIER W. **Standardvariation**: Wie viel Variation verträgt die deutsche Sprache? Walter de Gruyter, Berlin, Boston. 2005. Tradução de Lucas Löff Machado. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, jan/jun 2017;
- RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz *In*: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 1-24.
- RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. Trad. Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. *In*: **Cadernos de Tradução do Instituto de Letras**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, jan. 1999.
- THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. Trad. Cléo V. Altenhofen / Filipe Neckel *In*: **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.40, p. 82-107, jan/jun 2017. [2005]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>. Acesso em: 20 ago. 2021